

DEOLINDO COUTO
e
LUIZ VIANNA FILHO

Sucessão de
ADELMAR TAVARES

NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



1972

DEOLINDO COUTO

e

LUIZ VIANNA FILHO

Sucessão de

ADELMAR TAVARES

NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS



1972

CADEIRA Nº 11

Patrono: Fagundes Varela.

Fundador: Lúcio de Mendonça.

Sucessores: Pedro Lessa, Eduardo Ramos, João Luís Alves, Ademar Tavares.

Ocupante: Deolindo Couto.

Eleição a 24 de outubro de 1963.

Posse a 4 de dezembro de 1964.

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

Quando se vivem os instantes supremos, tudo o que passou aflora suavemente à lembrança, e em tudo, até nos menores contrastes ou coincidências, se descobrem motivos de encantamento.

Assim, ao render-vos graças pela honra do sufrágio com que me elevastes à dignidade do vosso convívio, Senhores Acadêmicos, é no confronto entre o já longínquo e o presente que descubro a sobreexcelência do privilégio recolhido, e, a um tempo, vejo acentuadas a minha humildade e a munificência da vossa decisão.

Desde que eleito para esta Companhia, entre mim sentira, como nas redondilhas de Camões, que

*...lembranças contentes
Nalma se representaram;
E minhas coisas ausentes
Se fizeram tão presentes,
Como se nunca passaram.*

Revi-me, então, na casa paterna, chefiada por um magistrado que fez da sua toga objeto de acendrado culto e nela investido deu lição permanente de crença na Justiça. Ali também a minha escola, que outra não tive na infância, e só na adolescência conheci professor diferente d'Aquêle, que harmonizava a sua judicatura com o ensino ministrado à numerosa prole. Ali, desde os verdes anos, entrei a compreender a su-

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

premacia de princípios, que em meu pai eram obsessivos, e difficilmente outros rumos puderam disputar-me à profissão a que parecia predestinado.

Volveram-se os anos; e hoje, quando, percorridos todos os degraus de uma carreira médica que foi do noviciado ao magistério, venho ao batismo para outra e nímia distinção, recebo a numa poltrona acadêmica em cujo espaldar se inscreve o nome de um dos mais puros estros de nossa literatura — êle próprio iniciado no estudo de leis e descendente de juizes —, poltrona iluminada, durante sete décadas, pelas fulgurações de cultores do Direito: quatro membros de altas côrtes judiciárias e um grande advogado fiaram a tradição que vinculou todos os ocupantes da cadeira n.º 11 e, neste momento, de nôvo me coloca sob o ínclito patrocínio.

Infortunadamente, não há mais que esta aproximação entre os luzeiros de outrora e a penumbra de hoje. Porque todos aquêles também foram príncipes das letras e, diante de vós, tendes, agora, o médico, que não poderia disfarçar a quase exclusividade de sua condição, e nem jamais pretendeu fazê-lo, escravizado, como é, a uma atividade, no seu egoísmo, dominadora.

Rejubila-me testemunhar que a Academia, sensível à influência das várias correntes do pensamento e da expressão, preserva, contudo, normas inseparáveis da sua essência, entre elas a de recrutar elementos nas diversas áreas culturais. Nesta prática, que Machado de Assis e Nabuco firmaram, como primeiro voto da instituição reside, sem dúvida, se não a causa principal da sua grandeza, pelo menos o elemento fundamental do seu prestígio.

MEDICINA E LETRAS

Não respigarei na história, porque é tarefa realizada, nomes de médicos que pertenceram a todos os grêmios literários e, no Brasil, desde a Academia dos Felizes. Apraz-me, entretanto, vê-los em nossos dias e lembrar, ao lado dos que decididamente migraram para as novas atividades e nelas se mostraram excelsos, os que não desertaram a ciência e buscaram nas letras o complemento às suas tendências mal encobertas

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

pelo pudor do exercício profissional. Há ainda quem precocemente haja mudado de caminho, como os nossos Alberto de Oliveira e Bilac — este último a confessar que as primeiras inspirações poéticas lhe surgiram nos intervalos de suas vigílias de estudante de Medicina —, e quem só tardiamente nêle enveredou, à semelhança do professor de Cirurgia e Acadêmico francês Henri Mondor, que, nas pausas de trabalho em uma ambulância de guerra, conheceu a grandeza de Mallarmé, e, a partir de então, iniciou exaustiva análise interpretativa da obra do grande simbolista.

Em nossa terra, as raízes dêsse pendor encontram-se nos inícios do ensino universitário, àquele tempo limitado às ciências médicas e jurídicas. A eloquência dos primeiros mestres dos dois ramos de conhecimento criou fecunda emulação entre êles, e todos porfiaram no engalanar as suas preleções com lances de retórica e apuros de linguagem, quando a técnica ainda não repousava sôbre a formidável massa de conhecimentos objetivos que, a pouco e pouco, vai absorvendo integralmente os profissionais da Medicina. Nem só a oratória, mas, por igual, outros gêneros literários desviaram tantos, e a tal ponto, da rota primitiva que muitos passaram a escritores de ofício.

E deve atentar-se no reverso: homens de letras que influíram na construção do edifício da Medicina. Não me refiro aos que procuraram exemplificar pacientes e estados mórbidos já descritos, por vêzes mal conseguindo caricaturar uns e outros ou mesmo deturpar conhecimentos, mas aos que podem ser considerados precursores no observar. Não estão na obra de Camões aspectos originais das moléstias de carência? A dualidade biotipológica, magistralmente expressa em Cervantes, foi apenas ratificada pelos estudiosos da constitucionalística, persistindo integral o conceito que opõe um ao outro os dois principais caracteres humanos. Revendo quanto se encontrava na bibliografia médica do seu tempo, antes de expor idéias que supunha originais, um grande ortopedista britânico, William Little, só em Shakespeare encontrou referência às anormalidades do nascimento para explicar as más formações, tais como as descritas pelo genial dramaturgo em Ricardo III.

Justificando até designações epônimas, lembrem-se a doença de Pickwick, inspirado na rotunda e sonolenta personagem de Charles Dickens, a síndrome de Münchhausen, copiada

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

do mitômano Barão que Rudolf Erich Raspe descreveu, o complexo de Alice no País das Maravilhas, em que Lewis Carrol expôs as delusões e os distúrbios da personalidade, por êle experimentados no período prodrômico da enxaqueca. E o bovarismo que Jules de Gaultier retirou da heroína de Flaubert? E as auras epilépticas referidas, como em ninguém, por Dostoiewski? É, pois, antigo e frutuoso o entendimento da Medicina com as Letras.

Poderá, entretanto, um médico, que se confessa esmagado pelo dever de cada hora, falar de um poeta? Não serei o primeiro a fazê-lo e — perdoai-me que assim me exprima — é bem que se introduza na apreciação do artista um elemento de outra esfera.

À própria música existiram ouvidos indiferentes, senão hostis, e isto se afirma, por exemplo, de Victor Hugo e Théophile Gautier, para aludir a mestres do ritmo. À poesia jamais os houve, sobretudo quando nela se transfundem os reais e eternos sentimentos populares. Desta natureza a do meu antecessor; poesia compreendida por todos e a que se applicaria com justeza a observação de Salvador Rueda:

*Cantar que va por la vida
Parece una mariposa
Que, en lugar de flor en flor,
Resvuela de boca en boca.*

O PATRONO

Exorna a cadeira número 11 o nome de um daqueles românticos da segunda fase — breves clarões no céu das letras — a produzir também aceleradamente, como o viandante que se apressa por ver se adensarem as sombras da noite.

Luís Nicolau Fagundes Varela, nos seus traços biográficos e na sua obra poética, revela-se um instável com traços ciclotímicos, características da personalidade comumente rotulada de boêmia. Oscilante entre a alegria e a tristeza, embora os momentos depressivos nêle fôssem predominantes e se agravassem com a adversidade afetiva que o rastreou, capaz de extasiar-se em salões dourados como ante cenas campestres, inapto

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

a fixar-se em qualquer programa de vida, a ponto de ser faltoso às aulas e de não ultimar o curso jurídico, iniciado em São Paulo e prosseguido no Recife, encontrou ensejos que lhe permitiram atingir os cimos do lirismo no seu meio e na sua época.

Às suas disposições temperamentais vieram somar-se o álcool, as desventuras sentimentais, a incapacidade de prover a própria subsistência e, daí, o nomadismo e a instabilidade do humor, tudo a contribuir para os matizes do seu estro ora amoroso, ora elegíaco, ora bucólico, ora patriótico, ora religioso.

A perambulação irrefreável, a hiperatividade demonstrada quando do naufrágio do navio em que viajava do Rio para Pernambuco, foram a resultante de excitação psicomotora, que alternava com acentuados sinais melancólicos.

A morte de um filho, ainda pequenino, oriundo de casamento prematuro e de breve duração pelo desaparecimento, logo a seguir, da linda espôsa do poeta, legou ao patrimônio literário do País um dos epicédios mais famosos da língua, o "Cântico do Calvário". Nunca mais, após o transe, se refez Varela emocionalmente, ou melhor, tais eventos agravaram-lhe a predisposição ingênita, apenas mitigada pelo segundo consórcio.

Ferido pelo infortúnio, conseguiu, a um tempo, retratar magistralmente a natureza e traduzir o sentimento incomportável.

Dominado embora pelo subjetivismo, interiorizado, Varela olhava em derredor e, conquanto não se possa dizer da sua poesia que exprimiu preocupação social, apontava, não raro, os terríveis contrastes que impressionam os homens de coração e de inteligência.

O etilismo, no qual se refugiou, foi, em parte, o sêlo do desequilíbrio emocional, em parte uma atitude deliberada para subtraí-lo às agruras da vida ou a busca de um estimulante artificial para o seu estro. Tudo concorria para estigmatizar-lhe a existência, arredando-o do convívio social e fazendo que no tóxico procurasse lenitivo e até inspiração, o que levou Sílvio Romero a rotular-lhe a poesia de — lirismo báquico.

Alguns gênios poéticos, que deveram a inebriantes a provocação de imagens mentais projetadas em suas criações, bem exemplificam a preexistência de lastro depressivo que atingia

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

as raias da morbidez: assim os estados oníricos produzidos pelo álcool em Hoffmann, em Poe e em Schiller, a riqueza das alegorias despertadas pelo haxixe em Baudelaire. Isto sucedeu também a mestres da pintura: é o caso de Van Gogh, que, à luz de recentes revelações, poderia ter particularidades dos seus quadros devidas à influência do absinto. O fenômeno já fôra suposto por Perera quanto a El Greco, tornando provável a idéia de que, em certas paisagens de Toledo, o famoso pintor cretense denuncie os distúrbios de percepção visual que aparecem na embriaguez pelo cânhamo indiano.

Ao engolfar-se na toxicose, disse Varela:

*Pois bem, seja de vinho,
No delírio insano,
Que afogue minhas lágrimas mesquinho!...*

E, já sob os efeitos enólicos:

*...corre-me nas veias
Um sangue mais veloz...
Anjos... inspirações... mundos de idéias,
Sacudi-me da frente as sombras feias
Dêste cismar atroz!*

Mas, escravizado à necessidade do excitante:

*Mais vinho! Oh! filtro mago!
Só tu podes no mundo
Mudar os giros do destino vago,
E fazer do martírio um doce afago,
De uma taça no fundo!*

O oscilar entre dois pólos afetivos o faria escrever:

*Gosto de queimar incenso
Sôbre as aras da alegria...*

E, em outro passo:

*Nem uma luz de esperança,
Nem um sôpro de bonança
Na frente sinto passar!*

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

*Os invernos me despiram
E as ilusões que fugiram
Nunca mais hão de voltar!*

Enquanto isso, ora se revelava esperançoso:

*Eu quero andar! Eu sei que, no futuro
Inda há rosas de amor, inda há perfumes,
Há sonhos de encantar!
Não, eu não sou daqueles que a descrença
Para sempre curvou, e sôbre a cinza
Debruçam-se a chorar!*

ora melancólico:

*Quero morrer, que êste mundo
Com seu sarcasmo profundo
Manchou-me de lodo e fel,
Porque meu seio gastou-se,
Meu talento evaporou-se
Dos martírios ao tropel.*

A nota sombria era, contudo, a tônica em Varela, como em Álvares de Azevedo, em Casimiro, em Laurindo, em Junqueira Freire.

As vêzes, no entanto, o poeta de "Noturnas" abandona a atitude individualista para vibrar com a questão Christie, com a revolta nacionalista de Benito Juárez.

É claro que, para essas expansões, concorria a situação histórica, visto que o movimento romântico se desencadeou no Brasil ao tempo em que se acendiam campanhas fundamentais para o destino da nacionalidade, exprimiu anseios políticos e sociais, contribuindo, com a sua temática e a sua forma expressional, para a autonomia da nossa literatura.

Foi tão profunda a influência dessa Escola no meio intelectual brasileiro — a despeito dos movimentos que se seguiram em nossa poesia, com o prestígio dos seus adeptos e alto valor da respectiva produção —, que ainda se encontram acentos românticos em poetas atuais, não parecendo arrojado prever se haverão de lobrigar em épocas porvindouras, porque a afinarem com a sensibilidade brasileira.

A poderosa corrente não se poderia subtrair

O FUNDADOR DA CADEIRA E DA ACADEMIA

Se em Lúcio de Mendonça, como em Ademar Tavares, o desempenho de funções judicantes e de atividades literárias atingiu o equilíbrio, era indisfarçável que as últimas lhes sorriam mais que as primeiras.

Em Lúcio, poeta e jornalista, crítico e romancista, jurisconsulto e orador, jamais vacilou a crença na Academia, de que foi o pertinaz idealizador e o jardineiro dedicado.

Bela claridade a que dimana do seu espírito que legou às letras brasileiras tantas páginas de elevada inspiração!

Foi o menino de quem se informou ter aprendido a ler sem professor, visto depois a redigir jornaizinhos no colégio, a alvorecer na poesia com um livro prefaciado por Machado e em que se revelava o "mal do século". Dizia-lhe o grande romancista, na carta introdutória ao volume: "É do tempo esta poesia prematuramente melancólica. Não lhe negarei que há na sua lira uma corda sensivelmente elegíaca e, desde que a há, cumpre tangê-la. O defeito está em torná-la exclusiva".

Ingressa nas lides forenses. Adepto veemente da campanha republicana, vai aos teatros e à praça pública, na pregação das suas idéias, jamais, porém, abandonando a poesia em que se estreara promissoramente. Coroa-lhe a vida pública a nomeação para Ministro do Supremo Tribunal Federal.

No prélio travado para a fundação desta Casa mobilizou tôdas as energias, investindo de tal forma contra as hesitações e a hostilidade ambientes, que bem se lhe poderia aplicar a frase de Victor Hugo: "Escrevia com uma mão e combatia com as duas".

E "a realidade se fêz (comentou Ademar Tavares), partindo do ímpeto magnífico de Lúcio, da serenidade apostolar de Machado, do equilíbrio ático de Nabuco".

O afeto de Lúcio de Mendonça por Machado de Assis foi-lhe retribuído até os últimos dias, quando voluntariamente de tudo se omitia, porque, antes, a cegueira já o havia afastado de todos: e, ao receber do autor de "Memorial de Aires" o exemplar do volume recém-publicado, agradece-o com frases comoventes: "Será o primeiro livro seu que leio por olhos de outrem... Se não tem mêdo de almas do outro mundo, deixe que lhe beije as mãos criadoras".

OS SUCESSORES DE LÚCIO

O nome de Pedro Lessa sinonimiza o de grande magistrado brasileiro.

Senhor de boas humanidades, inicia o curso jurídico em São Paulo, quando a Escola ilustre era um dos focos de propaganda contra o regime monárquico. Entra, de pronto, no jornalismo estudantil, a forja de onde saíam alguns dos legítimos gladiadores da nossa imprensa. O velho templo de ensino era, a êsse tempo, como o de Recife, chamado Academia e, em verdade, a um e outro bem se ajustava a designação, porque múltiplas atividades intelectuais em ambos os cenáculos se executavam e aprimoravam.

Lessa, manifestando o seu gôsto pelos estudos filosóficos, alista-se no evolucionismo spenceriano, que, àquela altura, poderoso atrativo exercia sôbre a mocidade.

Professor da Faculdade, Ministro do Supremo Tribunal, a cujo auditório acorriam todos os profissionais do direito, para ouvir-lhe a palavra oracular e a sentença justa, foi, além disso, o ensaísta, o conferencista que tão bem estudou João Francisco Lisboa, o polemista, o doutrinador, o integral filósofo do direito.

“Um dia”, comentou Castro Rebello, “a consciência abriu-lhe as portas da fé... Extinguiu-se envolto na pureza das suas convicções”.

— Não ensejaram os fados a Eduardo Ramos assumir a cadeira a que fôra alçado pelos incontestáveis méritos de escritor diserto.

Do baiano ilustre proveio a iniciativa dos favores oficiais com que, ao findar do século, foi a Academia agraciada em Lei do Congresso, e esta primazia atesta-a a carta que, a 17 de dezembro de 1900, lhe dirigiu Machado de Assis. O parlamentar apresentou e defendeu projetos importantes relativos à intervenção nos Estados, à organização judiciária e à criação de uma Universidade na Capital do País. O jurista revelou a sua altura na cátedra e no fôro.

O autor de “Prosas de Cassandra” deliberadamente situava em plano secundário a sua produção poética, a despeito do retumbante êxito daquela exibição no Teatro São João, da Ca-

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

pital baiana, durante uma festa em benefício de Carlos Gomes. Ao declamar “a estrofe em que pedia à mãe patrícia acalentasse o filho, cantando música da mais brasileira das nossas óperas:

*Faze do “Guarani” a alma de tua alma
Que a música do berço é a música da vida*

provocou delírio”, depõe Constâncio Alves, testemunha presencial do sucesso, e que de Eduardo Ramos também dissera: “A sua primavera intelectual floria no inverno”.

— Em João Luís Alves se afirmou a capacidade de uma aguda inteligência adaptar-se a multifárias solicitações que lhe asseguraram carreira ascensional nos três podêres da República.

Vai de Minas bacharelar-se em São Paulo, onde forma no grupo de Afonso Arinos, Herculano de Freitas, Carlos Peixoto Filho, Mendes Pimentel. Ingressa no Ministério Público, passa à magistratura e ascende à Suprema Côrte; representante do povo na Assembléia Legislativa de seu Estado, atinge as duas Casas do Parlamento Nacional; secretário do Govêrno na Província natal, chega a Ministro de Negócios Interiores e Justiça.

O advogado conquistara uma cátedra e ensinara o Direito com a proficiência de quem largamente lhe praticara os ditames, o erudito sàbiamente comentara o Código Civil brasileiro.

Foram-lhe traços dominantes o equilíbrio no julgar, a argúcia no debater, a firmeza no comandar.

ENCONTRO COM ADELMAR TAVARES

Descubro no escrínio de remotas lembranças os meus contactos primeiros — e definitivos, porque através da consagração popular que o imortalizou — com o estro de Ademar Tavares. Era em Tutóia, cidadezinha litorânea do Maranhão. Reuniamo-nos, crianças, aos adultos, em tórno de um intérprete de prestigiosas canções da época. Naquele sítio, cercado de dunas, às noites cabia a descrição de Machado: “Eram deliciosamente belas, os morros palejavam de luar e o espaço morria de silêncio”. Alçava-se, então, a voz do cantor, ritmada pelo som de

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

rústico violão, e os acordes de “Estela” nos inebriavam. Nunca ouvi dizer de quem eram, nem o menestrel o sabia. Esta a verdadeira poesia, no dizer do próprio bardo:

*Nem há reinado maior
Que o reinado de um poeta
Que o povo sabe de cor.*

Os versos, quando sublimes, são como certas personagens de romance: acabam por libertar-se dos criadores. “As nossas obras, observou Jean Cocteau, não tardam a separar-se de nós e, mesmo quando as escrevemos ou as pintamos, sentimos esta necessidade, que elas experimentam, de fugir de nós e viver a própria vida”.

Assim ocorreu com a daquele de quem me incumbe traçar um perfil.

PERÍODO DE FORMAÇÃO

Adelmar Tavares da Silva Cavalcante nasceu em Recife, aos 16 de fevereiro de 1888. Mal completou um mês de idade, foi transferido com a família para a cidade de Goiana, a bela mesopotâmia de onde partiram muitos heróis das guerras luso-flamengas, a velha Goiana das lutas nativistas, a pioneira das campanhas pela extinção da escravatura.

Ali, aonde o levaram as atividades comerciais de seu pai, viveu toda a infância, em contacto com a gente simples do Nordeste, que o impregnou da resignação e da suavidade, companheiras de toda a sua vida, e também o temperou para as lides que teria de enfrentar. Na contemplação daqueles locais, daqueles rios, daquelas flores silvestres, daquele povo humilde e bom, das cirandas famosas dos fins de semana, conheceu os seresteiros que se exibiam em serenatas, esbanjando inspiração nos desafios à viola. Tudo isso entrou cedo a influir-lhe no espírito, confirmando o prognóstico do seu destino poético, nascido que fôra em um sobradão, em cujo andar térreo se instalava a “Loja das Estrêlas”.

Guardaria para sempre, e haveria de revelar no plectro, a saudade da terra, fixando para pano de fundo das suas impressões os dias magnificamente ensolarados do sertão pernambuco.

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

bucano e, sobretudo, as noites inundadas de luar, com a abóbada celeste a parecer tão baixa que os meninos pensavam atingi-la de um salto. Esta luminosidade resplandece, a cada passo, no seu verso.

Maravilhado com a paisagem da meninice, diria, mais tarde: "Que se me aponte quem não tenha uma árvore no fundo do coração". A sua era gasalhosa e sobranceira:

*Se eu pintasse minha infância,
pintava — num sol de estio,
a sombra de uma ingazeira
debruçada sôbre um rio...*

Perceberia em tudo a beleza, que transportaria aos seus versos, de modo tal que ninguém pôde subtrair-se à admiração pelo seu lirismo. Mas também revelaria laivos melancólicos — e não proviriam êstes do que ocorria em derredor?

Teria visto, de quando em quando, chegarem a Goiana as levás de retirantes vitimados pelas intempéries que, cíclicamente, se desencadeavam nas cercanias.

Extraordinária a fixação do sertanejo na zona onde as mutações ocorrem com a fúria de catástrofe!

Um dia, o sol esbraseia, desferindo os seus dardos de encontro à vegetação hipotrófica, desnudando-a de flôres e de fôlhas, enxugam-se rios que pareciam perenes, fogem aos sêres vivos os elementos essenciais à existência, reduzem-se os rebanhos a florestas de esqueletos, e o habitante humilde é degredado para longe da terra bem-querida, na desoladora quadra das sêcas periódicas.

Noutro dia, transmuda-se milagrosamente o cenário, numa apoteose de ressurreição, a ponto de serem quase irreconhecíveis os sítios havia pouco desolados e maninhos e agora luxuriantes e dadivosos, reassegurando a vida e a confiança, até que de nôvo, "surdamente, imperceptivamente, num ritmo maldito, se despeguem a pouco e pouco e caíam as fôlhas e as flôres, e a sêca se desenhe outra vez, nas ramagens mortas das árvores decíduas", no dizer de Euclides.

Nesse ambiente de luta portentosa, agiganta-se o homem que ascende à categoria de força da Natureza, porque a tanto o provoca a adaptação vital.

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

O lutador ciclópico tem acentuada, entretanto, a afetuosi-
dade natural e transfere às trovas magoadas a tristeza com
que procura neutralizar as agruras da existência. Canta, e can-
ta brasileiroamente, a terra e, sobretudo, a gente e seus senti-
mentos. É no verso que se lhe extravasa a sensibilidade fina, e
os primeiros estímulos que o suscitam traduzem simplicidade
e pureza, num horizonte limitado.

Durante tôda a vida, Adelmar Tavares terá, por isso, um
sino a planger no coração.

Através dos tempos, ressoar-lhe-iam na lembrança os
campanários que marcam todos os acontecimentos, alegres e
tristes, os grandes passos da vida da cidadezinha, a todos con-
clamando para participar das emoções de cada qual, e tornan-
do-as coletivas, como sabe fazê-lo a solidariedade humana do
sertanejo brasileiro. Tais acordes teriam suavidade compará-
vel à dos coros de anjos a entoar Aleluia e, pela doçura, capa-
zes de suspender o cálice suicida pendente das mãos do Dr.
Fausto. Quantas vêzes, na infância, se sentiria contaminado
de unção, como a despertada pelo bronze cantado por Lamar-
tine:

*...cette humble cloche à la lente volée
Épand comme un soupir sa voix sur la vallée,
Voix qu'arrête près le bois ou le ravin!*

E Adelmar recordaria:

*Sinos de Goiana, que saudade imensa
trazem-me êsses sinos no meu coração.
Nove igrejas, nove, barulhavam sinos,
da Misericórdia, por defuntos ricos,
do Rosário, pobre, por um prêto irmão.*

*Bate agora o Amparo pelo dia santo.
Vai haver novena, bate o da Matriz,
Ouço um sino fino... Esse é o do Convento
repicando alegre por um casamento,
vem da Soledade o repicar feliz.*

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

*Só o dos Martírios continua mudo,
tem caída a tórre dos seu brônzeos sons,
não se abre há tempos essa velha igreja,
mas o povo conta que foi vista aberta
noite morta, um dia, por assombração...*

*Nove igrejas, nove.
Velho Carmo, escuto
teu bater de sino, quando finda o dia,
Vejo teu cruzeiro, na campina assente,
tua tórre negra tôda encapuzada
como um frade orando pela tarde fria...*

Como aquêles sinos de Mamuel Bandeira,

*“Sino do Bonfim”,
“Sino de Belém”,
“Sino da Paixão”,*

*batem na minha alma, quando estou sòzinho,
pelas tardes frias, êsses longes sinos...
— Sinos de Goiana, que recordação!...*

Do seu estro nem só se evolvam aquêles repiques e dobres, mas também o gemido dos “verdes canaviais das suas centenas de engenhos de açúcar — *engenhos cujos nomes fazem sonhar*, como nos versos de Ascenso Ferreira — Bugari, Mulungu, Pau d’Arco, Mariúna”. Fixaria, também, da Goiana da meninice, “as ruas compridas, falando dos seus santos, dos seus guerreiros, dos homens da sua história. Seus becos e travessas de casas velhinhas, embiocadas, com os telhados negros, pendidas para a frente, humildes, falando à lenda do povo dos tesouros escondidos no seu socalco... As águas pensativas, escuras, dos seus rios e o Canal coalhado de barcaças, com “as suas velas enroladas e pendidas”, recebendo coisas para levar para longe”. De tudo lembraria sempre “na tarde da vida”, quando “as recordações cobrem a nossa alma, como, ao morrer do dia, as andorinhas, os telhados das velhas igrejas”.

Depois, as reminiscências escolares, as aulas de Araújo Filho, de Carneiro Duarte e de Honório Monteiro. O último seria por Ademar retratado no seu discurso de posse na Acade-

nia Pernambucana: "Como que o vejo: um fraque negro, umas calças brancas espelhantes, de bem gomadas que eram; um *plastron* verde pintalgado, um cigarro meio apagado, esquecido ao canto da bôca; a escola à rua da Misericórdia, em Goiana; uma porção de meninos barulhando, gritando, estudando em voz alta as lições, vozeando, grasnando, como um viveiro de pássaros; uma palmatória amarela, comprida, hierática, sôbre a mesa... e o professor esbravejando como um possesso, a cara fechada, os olhos enérgicos, ameaçador. Depois, foi que vi que tudo aquilo era mentira... Sua alma era um favo de uruçú silvestre. O professor era um poeta!"

As musas que o poupavam das mãos justiceiras do mestre-escola passaram, desde então, a provocar o discípulo. De quando em quando, desaparecia da casa grande do Itapirema, suscitando apreensões da mãe solícita e da ama, tão querida que alcunhada de "Mãe-outra". O velho Francisco tranqüilizava, porém, a esposa: "Maria, sossega. Hoje chegou cantador na casa do Marcelino. Aposto que o pequeno está lá". E estava, deliciando-se com os repentinos de Laurentino Goianinha, Adelino Gato Bravo, José Eugênio, Luís Soares, sobretudo do primeiro, negro pachola, que "era para aquêles arredores, para a sua camada, para a sua esfera o que era Hugo para o seu povo, um Heine, um Bilac para nós".

Um dia, nesses longes de simplicidade, o filho único, adorado pelo pai, cuja imagem lembrou,

*O chapelão caído
sôbre a cabeça branca de algodão.
Buscando o campo, — o dia mal nascido,
voltando a casa, o dia em escuridão,*

tem, melancolicamente, interrompida a ingênua felicidade. Naquela data, a primeira grande dor da sua vida:

*eu, pequeno, vi, cavando,
sete palmos de campo, soluçando,
uns homens rudes... Tempo que já vai!*

*"Francisco, adeus"! clamavam, repetindo.
Meu pai desceu de branco... Ia dormindo...
Fechou-se a terra... E não vi mais meu pai!...*

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

Retorna, então, a família a Recife, e Ademar ingressa no Instituto Ginásial Pernambucano, onde, anos mais tarde, iriam Múcio Leão e Barbosa Lima Sobrinho encontrar eco de sua passagem. Este último recolheu-lhe a fama de fazer “versos não para a glória das páginas literárias, nem para a meditação ou a adivinhação das leituras vagarosas, mas para a festa das serenatas, nas noites enluaradas. Verso que o namorado pudes-se dizer, no portão de jardins humildes, à môça que o escutava, atenta aos ruídos que viessem da própria casa, numa época em que os pais ainda podiam tomar conta de suas filhas”.

Possivelmente à conta dos devaneios literários, não foi, de início, aluno apreciável. Mais de uma vez, invectivou-o o professor Cândido Duarte: “O Sr. sempre atrasado, seu Ademar! Estêve decerto a ver brigar os canários... Aposto que não sabe as lições”. E, em verdade, não sabia. Mas, de uma feita em que certa representação teatral requestara a meninada do colégio, ninguém se preparou para a arguição, e Ademar, que ficara estudando, a tudo respondeu com segurança, ganhando, desde então, lugar no primeiro banco.

Por fim... a Faculdade! A êsse tempo a grande Escola centralizava, com a sua congênere paulista, os anelos de grande parte da juventude brasileira.

Da bela Mauricéia diria: “...a minha Recife de estudante! Sem cinemas, sem bares, sem palácios, mas com a nossa vida acadêmica, a nossa alma de trovadores, as nossa tertúlias, as nossas serestas, as nossas repúblicas”. “Recife era a Veneza Canção! Era tão intenso o luar, tão fina a luz, que a cidade ficava como envolvida numa atmosfera de sonho... As casas, os telhados, os jardins, as águas que recortam a *urbs*, as pontes, os barcos que, presos ao cais, adormeciam fatigados das pescas, as igrejas — tudo era branco, branco de leite, de lírios, de açucenas, de jasmims sei lá — de inocência. Recife ficava como uma noiva que vai casar... Linda! E nós, com a alma dos dezoito anos, a cabeça cheia de sonhos, não resistíamos; escancarávamos as janelas e o luar entrava a jorros”. Os luars recifenses convidavam às serenatas planejadas pelos estudantes-trovadores, de uma janela para outra, nas estreitas e velhas ruas onde se situava a maior parte das “repúblicas”. Tudo corria bem para o grupo de noctívagos, até o dia em que a fúria de um pai fez quebrar a pauladas, por dois emissários, as costelas

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

e o instrumento musical de um colega, que Ademar dizia piauiense, mas que deve ter sido pernambucano; o enamorado, a dedilhar o pinho, em frente à casa de uma pretendida, mal desferira os primeiros versos de uma quadra em voga:

*que estará ela fazendo
a esta hora, longe de mim?*

quando os mensageiros responderam: “está dizendo que vá para o diabo que o carregue, refinadíssimo canalha”, e retiraram da arena o troveiro melífero.

Recife mantinha íntegra a tradição dos seus grandes dias de metrópole do ensino jurídico. A cidade gravitava em tórno do velho Convento do Espírito Santo, onde alguns dos maiores juriconsultos brasileiros não apenas adestravam a juventude, mas também a conduziavam nas grandes avenidas culturais e cívicas.

Aquelas velhas arcadas foram também o palco de tribunos famosos, que pregavam a Abolição e a República e fulminavam o cerceamento da liberdade, a tal ponto que a Escola gloriosa preparava também para a vida e para as lições políticas e sociais. As aulas, a que assistiam até estranhos à classe estudantil, curiosos da eloquência e das idéias de mestres veneráveis, nem só por isso eram o maior atrativo intelectual de muitos dos futuros bacharéis, e a elas alguns compareciam, dizia Ademar, mais para que os lentes os vissem.

No Teatro de Santa Isabel, ouviu ainda a voz portentosa de Nabuco, relembrando, na sua última viagem ao Brasil, dramáticos momentos da campanha abolicionista, e, no mesmo palco, escutou o verbo doutrinante de Esmeraldino, evocando as primitivas formas de repressão aos delitos, para acompanhar, através dos tempos, a evolução da Criminalística rumo à humanização das penas. Alcançou, também, presente de tanto repetida, a fama de Clóvis, cuja palavra era tão mansa quanto sábia, e a de Tobias, que, erudito entre todos, ditou novos rumos à cultura brasileira. E, alteando-se do concôrto de ciência jurídica e de filosofia, o eco dos condoreiros, que, para sempre, marcou a tradição literária da cidade. Na poesia popular é que haveria, entretanto, de afinar os ritmos, que melhor lhe traduziam a agudeza da sensibilidade. Assim se configurava para

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

êle “a tradição coimbrã de uma estudentada trovadora, que impunha, como ação passível de pena, dormir com luar no céu e violões na terra”.

Raros os que ali não tentavam versejar, na demanda da glória literária ou, ao menos, visando à correspondência afetiva. Em Ademar eram sobretudo fatores constitucionais que o impeliavam para o metro, nas horas de meditação, o que depois procurava justificar:

*A gente nunca está só...
Ou se está com uma saudade
de um sonho desfeito em pó,
ou se está com uma esperança
de nova felicidade,
no coração que não cansa...*

*Sempre uma sombra com a gente,
constantemente...
Uma sombra... Boa... ou má...
— Só é que nunca se está.*

Cultivaria particularmente a saudade das estudentinas com as toadas e os harmônicos de um violino

*que geme e ri, que grita e que cicia...
sobe em dorida imprecação, gargalha,
clama, pragueja, e se enfurece e ralha,
E vem descendo, e anseia e se quebranta
e trilha, e arrulha, e chora, e reza e canta!*

Aos encantos naturais de Recife se somavam os de Olinda, onde outra velha abadia fôra o bêrço do ensino do Direito no Brasil. De quando em quando, rumavam os estudantes aos Iocais, para admirar-lhes os majestosos crepúsculos, que Ademar pintou:

*Aquela praia linda,
de Milagres, plantada à beira-mar de Olinda,
ao pôr-do-sol, é como um sonho que se esfuma...*

.....

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

*Pelas tardes serenas,
em surdina,
passa um rumor de penas.
São elas, — são as tristes andorinhas,
que vão falar de amôres marinheiros,
e de fadas marinhas,
aninhadas às fôlhas dos coqueiros...*

.....
— Milagres, que é que têm teus coqueirais sombrios?
Que estranhas emoções, ao pôr-do-sol, revelas?!
Quanta esperança vem no fumo dos navios!...
Quanta saudade vai no côncavo das velas!...

O ADVOGADO

Quando Adelmar iniciou os estudos jurídicos, fê-lo em época na qual acrescentar um doutor aos braços domésticos era quase compulsório para as famílias nordestinas de certa categoria. Até as que eram parcas de recursos nisso se confundiam com as mais favorecidas, procurando que os filhos se elevassem socialmente, e saíssem do anonimato por êsse mecanismo.

Não sei, portanto, se, no caso, foi consultada uma vocação legítima ou se apenas obedecida a velha praxe. Certo é que não parecia êle talhado para a advocacia, profissão que demanda os olhos atentos nos prazos do fôro e não absortos na contemplação das estrêlas. Dentro do embrião de jurista, que se preparava para os altos vôos forenses, palpitava, aparentemente inconformada, a alma do poeta, que haveria de reafirmar-se pela existência inteira. Mais tarde, a enfrentar responsabilidades profissionais, forjava o plano de despedir os volumes literários e dedicar-se integralmente às leituras científicas, porém... confessava: "No primeiro jornal que me caía às mãos, trazendo um artigo sôbre a sucessão dos colaterais e um sonêto enquadrado em florões caixa-alta, eu lia o artigo sôbre a sucessão dos colaterais, mas lia primeiro o sonêto".

Atraía-o a antiga capital do País e, em 1910, ano seguinte ao da formatura, aporta ao Rio. Aqui vem encontrar ainda

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

uma geração de poetas dos mais significativos da nossa literatura. Trava relações com todos êles e a todos se fixa de modo cordial.

Mas era necessário advogar para viver e, entre os deveres profissionais, se inscreve o ingresso nos grêmios, que se destinam a conhecimentos recíprocos e representam lídimas escolas de aperfeiçoamento.

Na Sociedade Brasileira de Criminologia vai ocupar uma cadeira apadroadada por Oscar de Macedo Soares, autor de comentários ao Código Penal, volume que era o texto de estudantes e advogados.

Tendo de fazer o elogio do jurisperito, recordou: "Nas compridas noites de vésperas de exame, eu tomava notas na biblioteca da Escola, mas era pelo meu "Macedo Soares" que encontrava roteiro seguro aos João Vieira, aos Florentinos e Tomás Alves, Tobias e Barbalhos, Escorel e Viveiros, para o preparo dos "pontos", camarariamente trocados entre companheiros de "república".

E talvez se haja inspirado num exemplo dos inícios do próprio Macedo Soares, para abandonar a advocacia. Rodrigo Otávio narrou o caso: com Raul Pompéia e Oscar, o memorialista de "Coração Aberto" alugou na rua dos Ourives uma sala por trinta e cinco mil réis mensais e nela abriu escritório. Durante os três longos meses em que lá compareceram pontualmente os causídicos, apenas um constituinte se apresentou, levado por Macedo. Alvoroadamente, foi o cliente cercado pelos três postulantes da justiça, que, entre si, já imaginavam o tipo de ação cabível na espécie. Mas, o sujeito declarou candidamente não possuir dinheiro sequer para os selos da inicial. Confabularam os doutôres e resolveram... que o homem também não tinha razão!

No tumulto das varas, que assombra os leigos e quase desanima os interessados, fazendo-os supor que ninguém lhes presta atenção aos argumentos, iniciou a vida pública e chegou a advogado do Banco do Brasil, mas não era a sua rota, para logo substituída.

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

NO MINISTÉRIO PÚBLICO

Demorado estágio no Ministério Público entrou na trajetória profissional do bacharel em leis. Exerceu, de início, funções na 5.^a Promotoria do então Distrito Federal. Quem conhecesse o poeta e lhe houvesse aquilatado a finura da sensibilidade prognosticaria talvez o transitório da função, na qual teria de levar alguém a contas com a justiça. Entretanto, a sua inteligência e a sua cultura asseguraram-lhe acesso a todos os cargos da carreira e ensinaram-lhe a redação de trabalhos julgados de valor pelos competentes. Daí o seu prestígio nos meios especializados, onde todos também lhe exaltavam a dignidade e a isenção.

Dessa época é a conferência em que examinou o papel do “automóvel perante a Justiça Criminal”. O trabalho é pioneiro, e tão curioso e palpitante como o são os que agora versam o direito interplanetário. Encerra, porém, frases que, hoje, chegam ao pitoresco, visto como proferidas há cinqüenta anos, no início daquela guerra que marcaria a transformação do mundo, com o Rio de Janeiro de dois mil e quinhentos veículos, e numa época em que era inconcebível que damas os dirigissem. O pavor infundido à pacata população pelas máquinas homicidas levou Adelar a uma tribuna de conferências, para soltar aflito brado de alerta: “Atravessar o Largo da Carioca ou a Praça Tiradentes, clamou êle, é hoje tão arriscado quanto saltar do morro da Urca”, e concluía: “Solver o problema dos automóveis é, deve ser, tão importante e capital como foi o da febre amarela”...

O MAGISTRADO

A 15 de maio de 1940, como decorrência do merecimento demonstrado em já longo tirocínio profissional, foi nomeado Desembargador no Tribunal de Apelação do Distrito Federal, quando, na sua própria frase, já estava a “escutar os bronzes do campanário nas pausadas pancadas do recolher”. Sempre, porém, a procurar nexos entre as suas atividades:

*“Sinto Poesia e Justiça
Nascidas da mesma luz.*

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

Revelou-se, entretanto, um completo juiz. Dos que, tendo presente a letra da lei, utilizam, para interpretá-la, as suas qualidades de homem. E Adelmar era substancialmente um bom. Lembrava Raimundo Correia, poeta como êle e como êle magistrado, de quem se sabe quanto sofria, ao infligir penas. Do grande parnasiano diferia, no entanto, pela capacidade comunicativa e por ostentar a sua lira, com a qual se apresentava nos salões, enquanto Raimundo, quase misantropo, escondia a sua. Iguais, porém, no refinamento da sensibilidade, que Adelmar exemplificava sempre com um episódio expressivo. Certa vez, o maranhense ilustre teve que julgar um pobre anormal, autor de furto (de pequeno furto, como eram os de outrora), mas pai de cinco criancinhas. A sorte destas também estava na sentença de Raimundo, que absolveu o réu, talvez puro necessitado que delinqüira por não ver se consumirem à fome aquêles corpinhos inocentes. Casado com uma infeliz, macérrima, que lavava e engomava o dia todo, para atender às necessidades da casa miserável, tem na consorte o seu advogado. A pobre corre ao juiz, a suplicar-lhe que não condenasse o marido, estroina, mas de bom coração. Sobretudo bom pai, em cujos braços dormia, tôdas as noites, um filhinho doente. Raimundo, ante a deficiência de preparo do processo, diz ao indiciado que vai absolvê-lo. Antes, porém, chama-o à razão, lembrando-lhe o lar humilde, onde morava a adversidade, e a pecha que, de futuro, cairia sôbre os filhos. "A cabeça do acusado foi pendendo, como o juncal que o vento verga, pendendo, tomando uma expressão de mágoa profunda, veio-lhe a primeira lágrima, a contração do primeiro soluço e aquêles coração... , batido de vícios, rebentou a chorar, no mais longo e sentido dos choros:

— Sr. Juiz, eu lhe juro pela minha mãe que serei um homem de bem!

E, na penumbra da sala, na meia-luz da tarde que morria, a figura de Raimundo se iluminava dêsse clarão imaterial que aureola os bons e os justos."

Adelmar conseguiu congraçar admiravelmente lira e balança, buscando naquela como que a inspiração e o equilíbrio para a sua judicatura. Confessava que tal lhe ocorrerá através de todo o roteiro profissional: com "Ela (a Poesia) vi chorar, nos Pretórios Criminais, os perdidos do Crime, os desgarrados

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

do bom caminho, as fôlhas humanas sacudidas pelas tempestades; com Ela, ouvi no Juízo da Provedoria, a voz sagrada dos mortos nos seus túmulos, e com Ela, cumpri fielmente, por 12 anos a fio, os mandamentos das suas vontades, batendo-me como impellido por uma fôrça sobrenatural; com Ela venho, há 10 anos, defendendo o direito dos menores, enxugando as lágrimas dos órfãos, assistindo os privados da razão, os loucos, os mentecaptos, os desassisados, os dipsômanos, os intoxicados, tôda essa sinistra floração das humanas desgraças, com Ela, venho há lustros falando à mocidade”...

Poeta foi por vocação e por deliberação, por acreditar no papel primacial da poesia!

O PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

Não apenas o lastro de cultura jurídica, mas o espírito crítico, a capacidade de transmissão e, sobretudo, a tolerância e a ternura reveladas para com os moços levaram-no a uma cátedra de Direito Penal na Faculdade Fluminense, onde encantou várias gerações de discípulos.

Exerceu o magistério ao tempo em que fazê-lo ainda importava em desfrutar do prestígio com que o ofício nimbava os seus agentes e em que o respeito e a gratidão dos alunos eram o maior prêmio aos percalços da profissão, entretanto, preexcelsa como a do sementeiro.

Ensinando a boa ciência jurídica, era, pela ilustração das suas aulas, o romântico de sempre, transportado pelo contacto diário com a mocidade aos saudosos tempos do Recife.

O POETA

Quaisquer que sejam as preferências estéticas, ditadas pela evolução, pelo desejo de conformidade às novas condições da vida, pelo afã de significar momentos históricos e de traduzir preocupações sociológicas e filosóficas, não há como recusar às velhas escolas o que de beleza outorgaram ao patrimônio literário. E algumas delas forneceram documentos à eterna admiração da posteridade, como nos modelos pictóricos de outrora sempre se haverão de vislumbrar a luz e o gênio.

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

Não há, por outro lado, incoerência alguma em admirar e praticar as novas técnicas e aplaudir as que são consideradas exauridas. As formas de expressão representam uma fatalidade evolutiva, como se observa quanto às outras atividades do pensamento.

Ainda que se julgue ultrapassada uma Escola literária, importa considerar que ela é tão difícil de esvaecer-se que existem posições intermediárias. Os seus limites são convencionais. Difícil determinar-lhe o início, e mais ainda o termo, pois que se projeta em movimentos subseqüentes. É o caso das expressões românticas, apuráveis em representantes do arcadismo brasileiro e seguramente existentes nos dias que correm.

A literatura é instrumental no promover, estimular e ajudar os grandes momentos da Humanidade, mas também serve à tradução das peculiaridades regionais do homem.

Se, com referência ao Romantismo, atentamos nas motivações e não nas modalidades de exprimi-las, temos que dificilmente se arrancará do Brasil. Porque algumas das suas características se confundem com as próprias características da alma brasileira. Daí, alguns espíritos, tidos por sonhadores ou equivalentemente rotulados, não forcejarem por adaptar-se a novas correntes. "Pode-se dizer que todo movimento literário no Brasil tem qualquer coisa de romântico", escreveu Amoroso Lima, acrescentando: "Até hoje, os poetas e prosadores românticos, pelo seu idealismo, pelo seu lirismo, pela sua ênfase, pelo seu subjetivismo pelo modo cantante e sentimental de se exprimirem, são os mais brasileiros dos nossos escritores".

No domínio da poesia, os movimentos de vanguarda, que situaram o Brasil em plano universal, ainda despertam reservas apenas nos que se encontram obstinadamente ancorados em seduzidas posições. E, muita vez, só se apreende o valor de tendências quando estas vão passando e já se anunciam outras formas de expressão.

Lembra Goethe que "as únicas obras duráveis são obras de circunstância". Não há porém, observa Anatole France, senão obras de circunstância, porque tôdas dependem do lugar e do momento em que foram criadas. Ninguém pode compreendê-las nem amá-las com amor inteligente se não conhecer o local, o tempo e as condições de sua origem".

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

Adelmar Tavares parecia indócil, a querer subtrair a Poesia à rigidez de normas, quando exclamava: “Em Poesia não há como nos lotearmos em românticos e parnasianos, e simbolistas, decadistas, pessimistas, passadistas, modernos e futuristas”. Não foi indiferente às novas técnicas e chegou a praticá-las em alguns dos seus poemas, com felicidade:

O menino está brincando no colo da Mamãe...

*Não tem sua primeira primavera,
tem, apenas, na cabeça, falripas loiras de sol,
macias, de sêda,*

penugem de passarinho...

Gorduchito, amuado, o menino quer chorar...

*Para distraí-lo, a Mamãe entra a brincar de serra com o
[filhinho...]*

*Pondo-o de pé, como a um boneco,
segura-lhe os pulsos roliços,
e o agita, — ora, lá, — ora, cá,
como fazem os serradores*

.....
O menino ri... ri gostosamente...

*Ele não sabe nada da vida;
nem da angústia do canto dos serradores,
que serram nas matas virgens
as grandes árvores caídas...*

*Serra, serra,
Serrador!...*

.....
Mas o menino riu...riu... e cansou...

chorou...

*E ao ritmo do canto nortista,
que lembra os barqueiros do Volga,
e aquêles homens tristes, que lá no fundo da mata
serram com grandes serras
os grossos troncos das árvores caídas,
a Mamãe apertou com tristeza o menino ao coração...
E, erguendo-se de súbito,*

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

*como quem não quer ver no pensamento,
foi dizendo
numa voz de consôlo e de carinho:
— Cala a bôca, filhinho,
— Cala a bôca, filhinho...
O serrador
vai deixar de serrar as madeiras de nosso Senhor...
Parou...
Parou...
— Ô...*

A quem assim se exprimia seria injusto aplicar-se apenas o epíteto de “rei da trova” e mais certo dizê-lo “rei na trova”, porque utilizou várias modalidades poéticas e foi apreciável prosador.

Viveu momentos cruciais da literatura brasileira. Estreou quando se observavam os efeitos do entrecruzamento de correntes estéticas, aquela em que se fizeram mestres Raimundo, Bilac, Alberto e Vicente, aquela outra em que se sagraram Cruz e Sousa, Augusto dos Anjos, Alphonsus de Guimaraens, e testemunhou os ruidosos momentos da implantação do modernismo.

Atravessou, assim, a fase mais complexa e instável da poesia nacional, a em que novos rumos iriam ser trilhados pelos cinzeladores do verso.

Soavam-lhe, entretanto, aos ouvidos, com particular encanto, os acordes dos românticos, que lia e admirava, na sua Recife de estudante. Estes o marcaram irreversivelmente. Foi representante do Romantismo, de onde as reservas que a sua obra despertou em alguns, quase todos afinal conciliados com a singeleza do poeta e rendidos à sua sinceridade.

Haver dedicado à trova os melhores instantes poéticos decorre da sua formação e de sua preferência por traduzir sinteticamente os sentimentos pessoais e os inatos e elementares do povo, sem excesso de atavio,

*Porque a Beleza, irmã gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a fôrça e a graça na simplicidade,*

observaria Bilac.

A TROVA

O quarteto heptassílabo, simples, humilde, exprime pela sua concisão e sêlo afetivo, mais que os outros gêneros, os transportes da alma na sua pureza.

“Assim como todo o pensar de um povo está condensado e cristalizado em seus refrães, todo o seu sentir se acha contido em suas quadras”, sentenciou Rodríguez Marín.

Surgindô, a um tempo, entre nobres e plebeus, atravessou as eras e difundiu-se, sem vacilação de prestígio, constituindo um caudal a desaguar no folclore, o que lhe assegurou a perennidade e a glória.

Os versos de Guilherme IX, apenas precedidos pelas recém-descobertas carjas moçárabes, datam de oito séculos e são os mais antigos versos líricos integralmente escritos em uma língua romântica. Na esteira do Duque de Aquitânia, outros nobres e até cabeças coroadas cultivaram o gênero trovadoresco, tais como D. Afonso X, o Sábio, e D. Denis de Portugal, além de eclesiásticos famosos, um dos quais, Clemente IV, ascendeu ao sólio pontifício, todos inscritos entre os precursores dos menestres de nossos dias.

Rapidamente, como lembra Milá y Fontanals, “o trovador adquiriu grande celebridade e poucos são os que, por meio da novela ou do drama, não se representaram em suas imaginações o trovador provençal fazendo cair ao som da sua lira a ponte levadiça do castelo feudal, alegrando os banquetes ou inflamando o ardor guerreiro nos campos de batalha, cantando, ao esplendor da lua, ao pé de uma janela gótica ou na selva solitária, um amor casto e misterioso, vivendo sempre nas regiões do mais puro idealismo”.

Trovadores e jograis se irmanaram na “primeira batalha, penosa e decisiva, para elevar a língua artística as rasteiras expressões cotidianas, despidas de qualquer aspiração poética”, na frase de Menéndez Pidal.

A pouco e pouco, tornou-se conciso o gênero, reduzido afinal à quadra, verdadeiro poema de forma fixa.

O versejar parece ser uma integrante da personalidade. Embora em latência, pelas dificuldades de uma expressão e de uma comunicabilidade felizes, nem por isso deixa de ser, obser-

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

vou Leite de Vasconcelos, uma necessidade da alma, colocando-se, como meio de dizer, entre a linguagem corrente e a música.

A poesia verdadeira independe dos adornos da técnica e pode lobrigar-se no homem inculto, mas que foi, um dia, levado a traduzir uma emoção forte.

Enxameada de locuções e modismos regionais, tem a poesia popular um denominador comum, o da sensibilidade humana aos vários agentes do espírito.

Popularizando-se, a trova só aparentemente é o mais acessível meio de poetar. Disse Adelmar:

*Nem sempre com quatro versos,
setissílabos, a gente
consegue fazer a trova...
— Faz quatro versos sômente.*

De fato, o que com ela ocorre é o contraste:

.....
.....
*— Tão fácil, — depois de feita...
tão difícil de fazer,...*

Em exprimir no quarteto uma completa idéia foi êle exímio, elevando-se, muita vez, às cumeadas, como no exemplo em que Pereira da Silva vislumbrou “tôda a essência cristã, isto é, o batismo e a renúncia numa única estrofe que é um milagre de síntese subjetiva”:

*Mãe, que os meus versos incensam!
Quando eu vim do mundo à luz,
foi na cruz da tua bênção
que eu vi a vida — uma cruz.*

A despeito da excelente produção em outras espécies, nesta foi que se popularizou o autor de “Noite cheia de estrêlas”. As origens do seu estro, a simplicidade do seu espírito, a agudeza da sua sensibilidade e a capacidade de exprimir em quatro versos um estado de alma tornaram-no geralmente compreendido e admirado.

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

Avultou-lhe a popularidade exhibir-se nos famosos salões de outrora, nos saraus literários que foram o encanto de uma época despreziosa e, sobretudo, isenta das preocupações paradoxalmente geradas pelo progresso científico e tecnológico.

Quando surgia, com o seu colete trespassado, o seu ar de bondade, o seu largo sorriso, era o ponto de convergência dos olhares, sobretudo femininos. E recitava:

*Sou jardineiro imperfeito,
pois, no jardim da amizade,
quando planto um amor-perfeito
nasce sempre uma saudade...*

Conquistados os aplausos de tantos auditores enlevados, o poeta não podia mais sopitar uma expressão mais acentuadamente melancólica:

*A morte não é tristeza,
é fim... É destinação...
Tristeza é ficar na vida
Depois que os sonhos se vão...*

Foi Ademar um dos maiores responsáveis pela era de franco refortalecimento do prestígio que desfruta o gênero trovadoresco, de que são atestado os muitos volumes últimamente publicados e a criação de grêmios para cultuá-lo: nesta cruzada a sua figura é padroeira.

O PROSADOR

Ademar trabalhou a crônica e o conto, sendo-lhe também devidos discursos e conferências. O memorialista apenas iniciou a publicação de interessantes notas sobre a "Casa dos Quarenta".

Na sua prosa, retratam-se-lhe impressões de vários tempos.

Em "Tanajuras" relembra as nuvens de himenópteros que deliciavam a garotada de Goiana, quando das primeiras chuvas de abril. Os zangões e as içás celebravam núpcias aéreas e, logo, rolavam à terra, disputadas pela gana de toda aquela

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

multidão de meninos que bracejavam, e se empurravam em tropel, apanhando-as, furando-as com estiletos, para ouvi-las zunir e prendendo-as à linha como papagaios. O tríduo nupcial cessava e com êle o espetáculo das tanajuras.

“Hoje — quanto tempo! — (ao relembrar o quadro), filósofo sôbre o destino de certas criaturas que, sendo formigas apenas, neste mundo, lá um dia se vêem tanajuras. Voam... Enganam-se... porque o vôo é passageiro. Desaparecido o fenómeno que as fêz tanajuras, caem-lhe as asas... E voltam a ser formigas que sempre foram”.

“O Aleijadinho da Ocarina”, refere-se a um pobre rapaz, órfão de pai e abandonado pela mãe, e que, aleijado, fugira da terra, e passara a viver do seu tôsko instrumento, que tocava para solicitar a caridade pública, sôbre velha ponte recifense. E, quase sempre, narrou Ademar, “conversávamos êle e eu, durante uma hora inteira ao findar do meu dia acadêmico, quando as primeiras sombras da noite baixavam sôbre a cidade, e os lampiões da ponte começavam a piscar a sua luz que se refletia fracamente, agoniadamente, tristemente, nas águas do rio, já escurecido, como a luz de certos destinos se refletem na vida para a morte...”. Um dia, ali abaixo veio ter um cego (“todo cego é ceguinho no coração da gente”, observaria Carlos Drummond de Andrade), e o concorrente passou a recolher as preferências das benesses a tal ponto que tôdas as moedas da caridade mudaram de enderço. O condomínio inicial passara a quase exclusividade, até que Manuel Soares, certo dia, liquidou o cego à faca e, quando os gritos da vítima fizeram atrair a multidão, esta viu o pobre músico “equilibrado nos dois gravetos de pernas — atolado, febril, os olhos vítreos, a face infernal voltada para a altura onde abriam as primeiras estrêlas, a ocarina à bôca a soprar uma música alucinada, que era mais grito do que som — como se a alma de Satã gargalhasse, casquinasse na ocarina do aleijadinho, Sabat dos Destinos desgraçados”.

“Gatuninha de Livros” é a história do sucessivo desaparecimento de volumes da sua biblioteca e dos autores mais caros ao seu afeto: Murat, Alberto, Olegário, Álvaro Moreira. Vai, por fim, encontrá-los no quarto da filha, de mistura com brinquedos de tôda a sorte inteiros e quebrados, enquanto a menina lia versos para as amiguinhas extasiadas. Lá se achavam os

DISCURSO DO SR. DEOLINDO COUTO

livros preciosos. “E, sem dizer, palavra (comenta) volto para minha sala de biblioteca, com um grande pêso no coração... Minha filha começa a gostar de versos, a sentir os poetas, a ouvir vozes de outros mundos... No pequenino espelho do seu coração, já a Vida se debruça diferente...”

Ai de ti, gatuninha encantadora dos meus livros! Bem cedo entras a recolher a pesada herança de teu pai — a de sonhar... e a de sofrer!”

Adelmar, enamorado dos dias claros e das noites cheias de estrêlas, parecia temer que sôbre a benignidade do seu olhar descessem sombras que o impedissem de distinguir as pessoas e coisas queridas. Mas, chegou a vaticiná-lo:

*Minha filha, meu sonho, meu carinho,
amparo meu quando eu ficar velhinho,
luz dos meus olhos que serão sem luz...*

É que sempre buscara no firmamento a iluminação poética:

*A noite baixou silente,
e, então, cantei tristemente
as mágoas... para esquecê-las...*

*E a Noite, ouvindo o meu canto,
que era a música de um pranto,
encheu-se tôda de estrêlas...*

Receava, além disso, que não voltasse a contemplar os “caminhos estrelados de hortênsias e quaresmas abertas”, tantas vêzes por êle trilhados, rumo à serra, que lhe passara a ser outro motivo de inspiração: “Na nota verde da paisagem, um ipê imenso, agarrado ao desvão da montanha, fincando as suas raízes de ferro nas rochas do declive, rasgava, vertical e imponente, as franças e as ramarias, os galhos e os cipoais da floresta, para, na ânsia maravilhosa da altura, abrir a copa estelar das flôres flavas, como uma bandeira magnífica, aos ventos da Natureza”. Nem ainda a extasiar-se nos “dias lindos de Teresópolis”, quando o sol era orgiaco e lhe despertava

*desejo de ser átomo dessa luz gloriosa
que entontece as cigarras que rechinam,*

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

*que faz noivos os pássaros nas árvores,
e, milagrosamente,
espumeja e transborda
nas almas que eram cântaros vazios...*

Era, entretanto, de vê-lo nos seus últimos tempos, a exprimir esperanças de retornar à Academia e, novamente, empunhar a lira, cujas cordas, disse, enramou de cantigas porque “carregá-la foi um destino”.

II

RESPOSTA DO SR. LUIZ VIANNA FILHO

Não fôra a alegria com que recebemos cada nôvo companheiro e eu vos diria que esta é a vossa festa. Hoje, tudo aqui é vosso, ou para vós, pois assim nos habituamos a acolher os que chegam para o nosso convívio de cada dia.

Em verdade sei que é a vossa grande festa espiritual, aquela que cada um de nós imaginou algum dia. Certamente tereis acalentado aquêlê sonho que me faz lembrar esta página de René Doumic: "Inicialmente é uma vaga idéia encontrada pelo meio do caminho da vida, menos uma idéia do que um desejo, sonho ainda remoto. O futuro imortál distingui-se, porém, na sua carreira, na qual tem posição de relêvo. Seu nome começou a circular sôbre os lábios dos homens. E de vários lados lhe chegaram solicitações. Os de seu círculo admiram-se de que ainda não haja pensado na Academia, sugerem-lhe que deveria apresentar-se, e, fortalecendo-lhe o ânimo, graças à fácil difamação, insinuam que faria melhor figura do que muitos outros. Sem dúvida, êle não cede logo a essas vozes tentadoras; mas são vozes de sereias, muito agradáveis para que se recuse por muito tempo a escutá-las. A idéia toma corpo, deixa de parecer-lhe presunçosa; habitua-se a ela: ei-lo virtualmente no prélio".

Porventura, terá sido diferente o vosso caminho, ou o vosso sonho? Permitti que vos diga não o acreditar. Tende, porém, a certeza de serem os nossos votos para que vos sintais

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

perfeitamente a gôsto na poltrona dita da Imortalidade, e que Monteiro Lobato, nas famosas cartas a Godofredo Rangel, confessou que o assustava.

Espero que não vos assusteis. Contudo, para não incidirdes no êrro tão freqüente de imaginar que conheceis a nossa Academia, desejo advertir-vos que ela é misteriosa. Da Academia Francesa escreveu Valéry que a sua singularidade consiste em ser indefinível. O conceito bem se applica à nossa Casa, e, por certo, muito contribui para a curiosidade pública, primeiro passo em direção à fama que, por todo o País, envolve a nossa instituição.

Aliás, embora tal mistério nos seja essencial, e involuntário, por êle pagamos certo preço, pois é grande, e até importante, o número daqueles que, por não nos aceitarem como somos, investem contra nós. Sem querer, contribuem para a nossa maior notoriedade, e para nossa grandeza. A alguns o tempo concede a graça do arrependimento; outros, no entanto, jamais alcançam compreender-nos, talvez informados com a circunstância ou a eventualidade de não se lhes haverem aberto as portas às primeiras pancadas com que nos anunciaram o desejo de ingressarem para a nossa Companhia. Sem dúvida, esquecem-se de que Victor Hugo foi três vêzes vencido em prêmios acadêmicos. Ou julgarão o exemplo mesquinho?

Também não alcançam que nos recusemos à eventual monotonia de uma reunião de escritores. Nisso por sinal, temos sido recalitrantes. Dir-se-ia que amamos a variedade, por vêzes o contraste, e até o inesperado. Já reparastes, Senhor Deolindo Couto, como são freqüentemente sem lógica as sucessões na Academia? Um orador substitui um romancista ou vice-versa. Um poeta toma o lugar de um historiador; um médico sucede a um filósofo. Daí esta observação de Mário de Alencar: "Não somos uma agremiação de sábios, nem temos sido, apesar do nosso título, nem podemos ser uma privativa companhia de puros homens de letras".

Sinal de que, conservando bem presentes os bons conselhos dos fundadores, jamais nos descuramos de ter conosco alguns "grands Seigneurs". Ou não vos lembrais do que, aí pelo início do século, dizia Nabuco a Machado de Assis: "Nós precisamos de um certo número de "grands Seigneurs" de todos os partidos. Não devem ser muitos, mas alguns devemos ter, mesmo

porque isso populariza as letras". Certo? Errado? A verdade é que, fiéis ao ensinamento, jamais inscrevemos em nosso pórtico algo semelhante ao que, para afastar os profanos, se colocara no da Academia de Platão: "Só entra aqui quem fôr geômetra". E graças a isso podemos ter o orgulho de contar entre os dos nossos antecessores nomes como os de Oswaldo Cruz e Santos Dumont, que, certamente, aqui não entrariam trazendo como passaporte um volume de crônicas ou poesias.

Aliás, não fazemos mais do que seguir a Academia Francesa, nosso proclamado modelo, e ainda hoje repleta de políticos, e militares, que parecem tornar cada vez maior e mais luminosa a legenda da instituição. Emile Picard ao arrolar alguns dos sábios que a integraram, teve a satisfação de mencionar Flourens e Claude Bernard entre os fisiologistas; Cuvier, o fundador da Anatomia; Berthelot, o químico; e Dumas, o extraordinário autor das Lições de filosofia química. É possível que os argutos eleitores dêsses sábios acadêmicos soubessem da indissolúvel união entre a ciência e a boa linguagem. Aquela não vive sem esta. Daí haver Joaquim Nabuco, nosso primeiro Secretário-Geral, lembrado no seu discurso inaugural: "A literatura quer que as ciências, ainda as mais altas, lhe dêem a parte que lhe pertence em todo o domínio da forma". E por que não evocarmos êste conceito pôsto por Lavoisier no prefácio à sua célebre Química — "Por mais certos que sejam os fatos, por mais justas que sejam as idéias que tiverem feito nascer, êles não transmitiriam senão impressões falsas se não dispuséssemos de expressões exatas para os designar".

Mas, se a desvanecem os nomes dos famosos sábios que a ilustraram, não se sente a tricentenária Academia da França menos orgulhosa por haver acolhido os grandes marechais de França, cuja lista se abre com Villars, o vencedor de Friedlingen, e se prolonga até Foch, o Herói de Verdun.

Contudo por mais plausíveis os argumentos que abriram as portas da Academia àqueles que o próprio Machado de Assis chamou "os expoentes", não têm impedido as agressões, as críticas, as verrinas que de quando em quando nos caem sôbre o telhado, talvez para provar se está bastante sólido. Muitos ainda não perdoaram a teoria de Nabuco, que dizia a Machado: "Devemos fazer entrar para a Academia as superioridades do País". Ao que acrescentava ser o meio de "torná-la nacional",

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

evitando-lhe talvez sorte igual às muitas que, desde a Colônia, jamais lograram alcançar a maioria. Em verdade, é o que se tem feito. Cabe, porém, acentuar que a Academia escolheu os seus caminhos graças ao consenso mais ou menos geral, pois jamais conheceu a figura dos “grandes Eleitores”, em que pêsse à influência, em certas fases, de Machado, Rio Branco, Mário de Alencar, ou Afrânio Peixoto. Aqui, Senhor Deolindo Couto, cada qual — apesar de quanto se diga — não tem mais do que o próprio voto.

Ah! o voto. Eis a fonte dos nossos sofrimentos. “A contagem, escreveu Doumic, é a grande máquina de fazer decepções; ela será o ponto de partida de tôdas as recriminações”. Não lembrou Maurois, nas suas *Memórias*, haver candidato que, tendo a certeza de vinte e sete votos, apenas alcançou três? No realidade não há candidato derrotado — e freqüentemente até os eleitos — que se não considere traído. Nem há como impedir que medrem tôdas as lendas e fantasias a propósito da insegurança ou fluidez das promessas eleitorais dos acadêmicos. Que fazer se tomam a simples cortesia por inabalável compromisso? Daí os equívocos, os malentendidos, as incompreensões, que não custam em transformar-se em áspera objurgatória. E devemos confessá-lo que nos têm feito mal, pois não raro, atemorizam alguns daqueles que desejaríamos entre os nossos. Assusta-os o mistério ou a proclamada dubiedade dos votos acadêmicos. Numa carta que está a completar sessenta anos, pois é de 13 de dezembro de 1904, observava Nabuco a Machado: “Parece-me que alguns não suportam a idéia da não eleição, como se fôsse um desaire. Você sabe que não há desaire; a escolha de um nome pode ser explicada por circunstâncias, além do valor pessoal do candidato. O preterido não perde nada; ao contrário, fica uma espécie de dívida por parte da Academia, que não fará parar à porta, esquecido, quem já tiver direito a ocupar cá dentro uma cadeira”.

Infelizmente poucos aceitam a hipótese do insucesso. Quantos, que estimaríamos aqui sentados, não evitam a nossa porta, e passam ao largo, esmagados pelo espectro de possível mau êxito? Aliás, para lhes deter os passos de tímidos namorados da Academia, há além do eventual malôgro, o pedido de inscrição e as visitas de praxe aos futuros confrades. “Via sacra das visitas”, chamou-as Maurois, que acrescentava: “Visitar trinta

RESPOSTA DO SR. LUIZ VIANNA FILHO

e nove homens todos, ou quase todos, notáveis, uns como escritores outros como generais, prelados, almirantes homens de ciência embaixadores, não é nada entediante. Longe disso. Os que têm intenção de votar a favor do visitante, dizem-no logo, e isso torna o encontro amistoso e confidencial; os que lhe são hostis, recorrem a várias táticas curiosas de observar, e que vão da franqueza absoluta à total abstenção”.

De fato, se para muitos a exigência representa um nonado, ou até agradável oportunidade para novos conhecimentos, para outros significa obstáculo que o temperamento jamais lograria transpor. Não seria o caso de cogitarmos de o retirar da soleira da nossa porta? Por que não admitirmos, em lugar da inscrição e das visitas, uma simples aquiescência do candidato? Na Academia Francesa, invocada desde a nossa fundação, é recente o exemplo de Henry Montherland, conhecido ouriço do mundo intelectual parisiense, e que transpôs os umbrais da instituição sem bater à porta dos atuais colegas. Tudo muda, a começar pelas idéias, hábitos e preceitos. E, mercê de Deus, nada tem variado mais do que a nossa Academia, que, apesar da aparência conservadora, jamais permaneceu à margem da natural evolução das tendências ou preferência de cada época. Realmente, o exterior pode ser o mesmo; mas quanto tem caminhado o pensamento da Casa de Machado de Assis. Por isso, a antiga desavença com o inquieto e fabuloso Graça Aranha não impede aqui estarem muito a gosto alguns dos demônios da Semana de Arte de 1922. Outros demônios virão às nossas poltronas, que, possivelmente, os transformarão em anjos cheios de candura, nédios como Jorge Amado, ou sedutores como Menotti del Picchia.

Afinal, o que sustém a nossa agredida imortalidade senão permanente adaptação ao gosto de cada época, independente ou acima de idéias, correntes, seitas, ou escolas?

Mas, nesse desfiar de motivos para a tradicional malquerença que, em cada geração, faz que alguns se atirem contra nós, ainda não vos disse tudo. Quem não ouviu censuras ao tranqüilo chá com que antecedemos as reuniões das quintas-feiras? No entanto, não é mais do que modesta reminiscência da *Revista Brasileira*, onde, primeiramente, se encontravam à tarde os fundadores da Academia. “Conversava-se de tudo”, lembrou mais tarde Mário de Alencar — “sem programa, como

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

num encontro casual. Havia chá e biscoitos, havia cordialidade, havia prazer sem constrangimento”. Sinal de que ontem, como hoje, tinham o bom gosto de não falar mal dos desafetos. Não é essa, aliás, função em geral reservada aos amigos?

Também as reuniões semanais da Academia não escapam ao escarpêlo dos nossos críticos. Não entendem que alguns homens de boa vontade se encontrem apenas para “compor a euritmia do pensamento”. Em verdade, cada qual se colocando alheio à própria profissão, é o que fazemos em nossas sessões rotineiras, na pequena sala onde sob a inspiração dos patronos e fundadores, cujas efigies temos à vista, continuamos um comércio de idéias iniciado há quase sete décadas na redação da *Revista Brasileira*. Até o hábito dos retratos é o mesmo de outrora. Conta, aliás, Rodrigo Otávio, que, ao tempo em que o seu escritório de advocacia serviu de sede à Academia, lhe oferecera José Veríssimo preciosa coleção de retratos de acadêmicos, que, em fila, colocou na parede. Certo dia, havendo uma consulente levado uma filhinha, esta, apontando para as fotografias enfileiradas perguntou: “Mãe, quem são aquêles gatunos?”

Por último, vos lembrarei os pequenos sentimentos que nos rodeiam por causa do benemérito legado do livreiro Francisco Alves. Razão teve Afrânio Peixoto ao dizer que “êles nos dá abastança e nos causa tanta injusta animosidade”.

Nada disso, no entanto, Senhor Deolindo Couto, impediu que a Academia, durante uma existência que já não é breve, lograsse levar a bom termo aquela missão que Machado de Assis apontou como essencial: “conservar, no meio da federação política, a unidade literária”. Tornamo-nos, assim, a mais famosa instituição cultural do País, e à qual a pátina do tempo tem juntado, como queria Joaquim Nabuco, mistério e solenidade. Hoje, com tôdas as suas galas, ela se abre para vos acolher como um dos nossos companheiros.

Já vos disse bastante, senão demais, sôbre a Casa a que vindes pertencer. Deixo à vossa maliciosa inteligência tentar devassar os mistérios, as sutilezas, e peculiaridades que um bom convívio vos irá mostrando dia a dia.

Agora, depois de vos dizer da alegria com que vos recebemos, cabe-me falar de vós. Por sinal, não fôsse a necessidade

RESPOSTA DO SR. LUIZ VIANNA FILHO

de atender velha praxe, não precisaria fazê-lo, tantos e tão notáveis são os títulos e as excepcionais qualidades que vos exornam a invulgar personalidade. Começarei, porém, por lembrar que, de todos nós, ides ser o derradeiro a ser ungido por um dos nossos fundadores. De fato — e com isso não revelo nenhum segredo, fostes o último a ter o voto de Magalhães de Azevedo, que há muito era o único sobrevivente do quadro inicial da Academia. Assim, a centelha que recebestes para transmitir a outras gerações vos veio de um daqueles que há quase setenta anos se reuniram para dar início à Academia Brasileira de Letras, em cujo quadro hoje vos integrais “ad immortalitatem”.

E como é luminoso, Senhor Deolindo Couto, o caminho pelo qual, partindo da rua da Glória, em Teresina, onde nascestes, chegastes até aqui. Mas, ao tentar recompor os vossos passos antes da adolescência, a grande figura com que me deparo é a do magistrado Henrique Couto —, vosso Pai, vosso mestre, e ainda hoje tão presente nas vossas horas. Conheci-o e admirei-o há quase trinta anos, quando, iniciando-me na Câmara Federal, tive-o honrosamente como colega. Representava o Maranhão, que tão bem serviu. E, malgrado a diferença de idade, haver-lhe granjeado amizade, ao tempo em que cresceu continuamente a minha admiração pelo jurista, que, dentro das boas normas de então, era também aprimorado humanista, amigo dos clássicos da antigüidade, que versara profundamente. Juiz em Brejo dos Anapurus durante a vossa infância, aí vos ministrou êle não somente a instrução primária, mas também parte da secundária.

Contudo, o que êle acima de tudo vos propiciava, naqueles remotos e austeros sertões do Maranhão, era admirável exemplo de devoção à família e à coletividade. Um exemplo — permiti dizer-vos — que, no convívio de nossa amizade, vejo repontar freqüentemente. E a êle tanto vos afeiçoastes, e tanto vos esforçastes por o imitar que até a excelente caligrafia lhe copiastes, e de tal modo que, hoje, revolvendo manuscritos daquela época, muitas vêzes tendes dificuldades em saber se são dêle, ou se são vossos.

Diante de tão poderosa influência, é justo que já estejamos a nos perguntar por que também não trilhastes a mesma carreira das letras jurídicas. Por quê?

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

Em verdade, se na origem de toda vocação há sempre um exemplo, que a faz despontar e a incentiva ao longo da vida, conforme observação de Roger Martin du Gard, nenhuma prova melhor poderíeis ter, Senhor Deolindo Couto, em abono da conclusão do romancista do que o vosso próprio caso.

Tudo levaria a supor que, filho de magistrado, desde cedo ambientado no culto do Direito e da Justiça, não teríeis outro caminho a seguir senão aquêle que conduz à investidura dos tribunais.

No entanto, não foi o que se deu.

Contrariando a inclinação que deveríeis trazer convosco e advinha da alta e nobre lição paterna, optastes pela Medicina. E, ainda na adolescência, para ela vos orientastes com aquela firme vontade de bem realizar, que explica os sucessivos triunfos de toda uma vida consagrada à cultura.

A Medicina vos recompensou com as mais altas glórias a opção da juventude. Primeiro aluno de vossa turma na velha Faculdade de Medicina de Salvador, continuastes no Rio de Janeiro a manter essa preeminência, de que resultou, com o orgulho de vossos colegas, a simpatia e o aprêço de vossos mestres. Mas só o título de doutor em Medicina, com uma larga carreira aberta diante de vosso olhar, não vos bastava; a ciência vos convocava a outros misteres, nos amplos limites de seus horizontes, e a essa convocação prontamente atendestes. disputando uma cátedra na Faculdade Nacional de Medicina, criando e dirigindo o Instituto de Neurologia, recebendo a consagração de membro efetivo da Academia Nacional de Medicina, aceitando pouco depois a sua Presidência, e sem deixar de aprimorar, a cada hora, a cada dia, o vosso tirocínio de homem de ciência, na amplidão dos anfiteatros ou na reclusão dos laboratórios.

Ao apreciar a vossa vida vitoriosa, para inquirir o mistério de sua inclinação, fui levado a concluir que não poderíeis confirmar a tese de Roger Martin du Gard. Onde o exemplo que teria decidido o vosso destino, a ponto de vos afastar do caminho paterno?

Encontrei a resposta a essa pergunta no vosso discurso de posse como Membro Titular da veneranda Academia Nacional de Medicina, no trecho em que recordais os dias de infância

RESPOSTA DO SR. LUIZ VIANNA FILHO

e juventude em Brejo dos Anapurus, ao tempo a terceira cidade do Maranhão: surgiu-me o pendor profissional naquele recanto onde não havia senão um velho médico, beatificado pela gratidão de todos, que, sem exceção, eram seus clientes, e, sem discrepância, gratuitos”.

Fácilmente imaginamos, no menino que despertava para o entendimento do mundo, a fascinação exercida pelo velho médico sertanejo, perdido num pequeno burgo do interior, e a atender ao sofrimento alheio, sem outra recompensa além da gratidão humana, nem sempre fácil de encontrar.

Foi êle quem vos deu o exemplo de bondade, dedicação, vontade de servir, espírito de abnegação e sacrificio que, simultaneamente ao exemplo de honradez, amor aos estudos e probidade profissional, que recolhestes de vosso pai, iria decidir, desde cedo, o rumo de vossa vocação.

Devo aqui assinalar uma circunstância, que me parece altamente expressiva, entre aquêles muitos avisos misteriosos com que o destino, à revelia de nossa vontade, vai traçando o roteiro de nossa existência sôbre a terra. A rua onde nascestes, na capital piauiense, tem êste nome que as sucessivas gerações não conseguiram mudar: Rua da Glória.

Lembro-me agora que, entre as frases populares que encantavam Maurice Barrès, homem de sua terra e de seu povo, figurava esta, que desejo aplicar ao vosso caso: “Cada um de nós segue a estrada que passa na sua aldeia”.

Seguistes a Rua da Glória, Senhor Deolindo Couto, e foi ela que, orientando os vossos passos, nos muitos caminhos dêste Mundo, vos trouxe à consagração da Academia Brasileira, a que pertenceis agora pelos altos valôres de vossa personalidade.

Um dos biógrafos de Napoleão acentuou a circunstância de que êste, por uma espécie de premonição magnética, ainda nos dias de sua juventude, ao enumerar, num de seus cadernos de estudo, as possessões inglêsas na África, escreveu estas quatro palavras numa página em branco: “Santa Helena, pequena ilha...”

Acabastes de assinalar, Senhor Deolindo Couto, que, também na vida de vosso antecessor nesta Academia, um pequeno fato, aparentemente destituído de sentido, trazia em si idêntica premonição. A Casa das Estrêlas, loja de comércio situada no

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

sobrado onde transcorreu uma parte de juventude de Ademar Tavares, diz-nos hoje que, em realidade, o convívio com os astros seria o destino do grande poeta lírico:

*A noite baixou silente,
E então cantei tristemente
As mágoas... para esquecê-las...
E a noite, ouvindo o meu canto,
Que era a música de um pranto,
Encheu-se tôda de estrêlas...*

Às estrêlas, que desde cedo iluminaram o caminho do poeta que vos antecedeu na Academia, corresponde a constância da glória no vosso destino. E outro não foi o motivo por que, ao sairdes de Salvador para o Rio de Janeiro, onde completáveis a vossa maturidade de espírito, foi no bairro da Glória que encontrastes a vossa primeira residência na Capital da República.

Por isso, na noite em que festivamente vos recebemos na Casa de Machado de Assis, culminação de tôda uma vida gloriosa consagrada à cultura, é-me grato acentuar que a glória tem sido, na ordem geográfica e no plano do espírito, o ambiente natural e o têrmo de vossas jornadas, como se a ruazinha de Teresina, que vos acolheu quando chegastes ao mundo, tivesse verdadeiramente o simbolismo daquela estrêla cadente que riscou o céu no instante do nascimento de Liszt.

Não succedeis nesta casa apenas a um poeta, que soube ser um dos mais puros líricos da literatura brasileira —, intérprete genuíno da alma de nosso povo. Succedeis também ao magistrado, que honrou a toga, no exercício contínuo da perfeita justiça. Trovador e juiz, Ademar Tavares pôde ser compreendido por vós no magistral discurso que acabais de proferir, porque trazeis em vosso espírito, de harmonia com a vocação científica, uma apurada sensibilidade de escritor e uma consciência orientada no sentido do Direito.

Quem tem, como eu, a fortuna do vosso convívio, sabe de longa data que, no decorrer dos diálogos convosco, repontam freqüentemente reminiscências jurídicas que de início nos sur-

RESPOSTA DO SR. LUIZ VIANNA FILHO

preendem, como se vos houvésses dado ao capricho de estudar Medicina e Direito. E mais: servido sempre por aquela retidão de ordem moral, que é a essência dos verdadeiros magistrados.

É a voz de vosso sangue que fala nessas ocasiões, restituindo-nos a lembrança e a admiração ao vosso pai, o Desembargador Henrique Couto, cujo nome se engrandeceu na magistratura do Maranhão e na Faculdade de Direito de São Luís, como figura eminentíssima, que se recorda como ensinamento às novas gerações.

Dêle herdastes também, Senhor Deolindo Couto, com a propícia conspiração do ambiente intelectual da terra de João Lisboa e Gonçalves Dias, o gosto das coisas literárias, que também cedo madrugou em vosso espírito.

Dez anos de infância passastes no sertão maranhense, antes que fôsseis trazido a São Luís, para uma nova etapa de vossa existência. E nesse período só tivestes um mestre, na pessoa de vosso pai.

Com emoção já me recordastes uma vez êste traço biográfico do Dr. Henrique Couto: as manhãs de seu dia, durante o tempo em que morastes em Brejo dos Anapurus, êle os emprega integralmente no mister de ensinar aos cinco filhos, a que se somavam mais três ou quatro meninos, numa espécie de microescola, em vossa própria casa. E como ao tempo vigorava o regime dos exames parcelados, foi êsse mestre que vos preparou para os exames do Liceu de Teresina, cenário de vossos primeiros triunfos, com as notas distintas ou plenas que constituem a alegria conjunta do pai e do filho, no regresso ao lar.

Razão tinha Joaquim Nabuco quando afirmava, no famoso capítulo em que recordou o engenho de Massangana, que os filhos dos pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruído das vagas.

Quando o Conselho Federal de Educação vos elegeu seu Presidente, como sucessor de nosso saudoso amigo e mestre Edgard Santos, destacou em vossa personalidade esta outra face, que vos identifica ainda uma vez com o vosso pai: o educador. E isto porque não se extraviou com o tempo, antes se aprimorou com êle, o gosto de ensinar e educar, despontado na juventude.

Certa vez, a cidade de Caxias, palco do conflito que daria ensejo à primeira grande ação pacificadora do único duque

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

de nosso nobiliário, voltou a convulsionar-se por ação de dois grupos políticos. E o que fez o Duque de Caxias para dirimir o conflito, armado, seria feito pelo Dr. Henrique Couto, no litígio político, como juiz investido de igual missão. Ao chegar, encontrou a cidade em pé de guerra. Grande parte da população se havia retirado para outras cidades, temendo a repetição dos episódios sangrentos do século passado. Sem efetuar uma única prisão, nem usar de outras medidas coercitivas, o magistrado conseguiu, utilizando sobretudo a sua força moral, normalizar a situação, podendo os caxienses, dentro de poucos dias, retornar aos seus lares

Só uma pessoa de sua família quis o Dr. Henrique Couto levar em sua companhia nessa hora espinhosa: fostes vós, Sr. Deolindo Couto. E ali aprendestes como lição para o resto da vida, que se pode chegar à paz pela própria paz, com a compreensão do instinto cordial do povo brasileiro.

Homem de paz tendes sido, Sr. Deolindo Couto, sem contudo, desprezar aquêle instinto de luta, para uma melhor afirmação da própria personalidade, que está na essência da condição humana.

A habilidade com que se conduziu o Dr. Henrique Couto iria influir em vossa vida não apenas por êsse ensinamento, pois daí resultou, andando o tempo, a sua nomeação para Secretário de Estado da Justiça.

Mudastes-vos assim para para São Luís, onde se vos desvendou um nôvo mundo. Desde o Colégio Oscar de Barros, cujo diretor escreveu haverdes sido o melhor aluno que por ali passara, até o Instituto Gomes de Sousa, onde se cursavam os derradeiros exames secundários. Aí, como recordastes ao discorrer doutamente sobre Gonçalves Dias, conhecestes e admirastes Coelho Neto, então em propaganda da sua candidatura à Câmara Federal. E o intenso interêsse da capital maranhense pelas coisas do espírito, logo vos arrebatou para duas sociedades literárias, de uma das quais fostes o adolescente fundador.

Concluído o curso secundário, o vosso pendor à Medicina vos fez emigrar para Salvador. E, como bom nortista, sômente a paisagem carioca deteria a vossa caminhada para o Sul. Por certo, para quem vinha de São Luís não deviam surpreender os sobrados coloniais baianos, muitos dêles verdadeiros arranha-céus debruçados sobre o azul do gôlfo imenso. Conhecestes

RESPOSTA DO SR. LUIZ VIANNA FILHO

então uma Bahia, que já vive apenas em nossa memória e em nossa saudade. Uma Bahia cheia de “repúblicas” de estudantes vindos do Norte e do interior do Estado, e para os quais a cidade se abria acolhedoramente, outorgando-lhes todos os privilégios. Fôstes então um dêsses privilegiados, aos quais tudo era permitido na antiga metrópole brasileira, tão coisa dos seus forais de cultura bem como da sua tradicional hospitalidade.

Na velha Faculdade de Medicina, instalada no antigo Colégio dos Jesuítas, o que vale dizer no local do primeiro centro de educação do Brasil, iniciastes o curso, inevitavelmente ambíguo de ciências médicas e letras acadêmicas. Felizmente, não passou de um ano essa amena dispersão. Pois bastou pisar na terra de Castro Alves como calouro com pretensões gramaticais para logo integrardes uma sociedade literária de estudantes em que à maneira da nossa, tinha cada um o seu patrono, que devia louvar por ocasião da posse. Tal como acabais de fazer hoje.

Descontado portanto o que fizestes, e por sinal lapidado na mais pura linguagem, ao entrar para a Academia Nacional de Medicina, cronologicamente é êste, Sr. Deolindo Couto, o vosso segundo discurso de posse acadêmica. O primeiro foi aquêlo, há coisa de quarenta anos e creio que o elaborastes com emoções bem mais ternas e alvoroçadas do que agora, porque aí os sonhos de mocidade ainda não tinham sofrido os contrastes da vida.

No encontro do Maranhão de Sotero dos Reis com a Bahia de Carneiro Ribeiro ficastes com o sergipano João Ribeiro. O seu elogio, que então realizastes, talvez jamais fôsse lido pelo mestre da Crítica. Não importava: para vós, era menos uma apreciação do filólogo que neste País e nesta Casa se distinguiu pela universalidade do conhecimento, do que uma tomada de atitude. Preferistes às tricas vernáculas a cultura variada, humanista e severa; deixando de lado as questiúnculas de português, tão comuns na época, elegestes para “guia e autor” um sábio; pedindo-lhe no comêço do caminho a mão de companheiro, não queríeis evidentemente a notabilidade transitória, dos que brigam pela colocação do pronome; a vossa ambição era de

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

voar pelos mesmos espaços, até onde sobem os eruditos do idioma. Mas com estilo, donaire e austeridade.

Na Bahia, com um pé na soleira da glória, isto é, no seu 1.º ano médico, todos compreendemos êsse fervor literário. Alguns dos vossos contemporâneos vos recordam ainda, o mais estudiosos dêles, distribuindo-se com método entre as aulas de mestres insignes, ao lado das vetustas igrejas do Terreiro, e a casa humilde da rua da Lama, a que se seguiu o sobradão do Jôgo do Carneiro, povoado de uma revoada de estudantes de diversas escolas, acamaradados em tórno de alguns ideais coletivos.

Com a bagagem maranhense assumistes o primado entre êles; com a academia de jovens, firmastes a posição de vernaculista exímio. Na transição da primeira para a segunda série da Faculdade de Medicina não se podia pedir mais...

Viestes, porém, para o Rio de Janeiro; a existência trouxe-vos, numa quadra difícil, a sobrecarga de outros deveres; deixastes, Deus sabe com que silenciosa resignação, o convívio da musa, para obedecer à ciência; e como interno da vigésima enfermaria da Santa Casa, o menino letrado dissipou-se na obstinação correta do aluno, pontual, aplicado e atento.

O professor, porém, chamava-se Antônio Austregésilo. Êle próprio, detestando a clínica teórica, recomendando aos discípulos que não citassem ninguém, mestre do exemplo e da experiência, o criador da escola neurológica brasileira, era contudo uma organização perfeita de homem de cultura, que a todo momento conciliava os médicos e os poetas, tanto é certo que "não fazem mal as musas aos doutôres".

Tínheis como êle o que bastava para levar vida afora êsse compromisso de aliança — das letras e da medicina. Inclinação não vos faltava; faltou-vos — o tempo. Porque, não para coexistir mas simplesmente para subsistir, fôstes ser interno do Hospital Naval, soerguido numa aba de morro, ao lado do Túnel Velho; e, depois de dois anos rudes, passastes, por honrosa seleção, a interno oficial da Clínica Neurológica da Faculdade Nacional de Medicina, vosso pouso definitivo.

Já então a especialidade vos absorvia. A ela jurastes uma fidelidade aflitiva. Destas que não se rompem nas situações mais sedutoras. O resto seria accidental (dizíeis): que os mistérios de tôdas as suas sutilezas e de todo os seus segredos dar-

RESPOSTA DO SR. LUIZ VIANNA FILHO

vos-iam, no Brasil e no mundo, a notoriedade justa. E com esta imensa disposição de saber, defendestes vitoriosamente a tese doutoral ao mesmo tempo em que os doutôres se faziam em júri de borla e capelo, e a golpes de concurso abristes sucessivamente as portas do Hospital Nacional de Alienados, da docência universitária da cátedra, em sucessão do mestre. A esta ascendestes com uma tese extraordinária que já vos segue os passos na fama universitária. De fato, tendes sido mestre admirável. Não faz muito que, ao empossar-se na Academia Nacional de Medicina, evocou um dos vossos colaboradores, o docente que ministrava o primeiro curso de extensão universitária sobre neurologia infantil. E lembrou o encantamento com que vos ouviam as aulas, “não só pela exposição clara e escorreita, como também pela agilidade de raciocínio e pela erudição”.

Após o concurso, em telegrama de parabéns trocadilhou Afrânio Peixoto, “braço é braço, abraço de Afrânio Peixoto”. Fôra concorrente Antônio Austregésilo Filho. No dia seguinte ao resultado, em sua companhia vos visitou o professor Austregésilo. Simples como costumava, disse que ia entregar-vos o filho. Respondestes, com bondade e emoção, que trabalharíeis na caldeira como igual, pois com êle dividiríeis os serviços. E assim foi — no clima da mais leal e fraterna amizade — até o fim.

Pagastes à Alemanha o tributo que desde Francisco de Castro os jovens médicos se habituaram a pagar aos seus maravilhosos hospitais, cursando em Berlim, com o professor Bonhoeffer, a Patologia e a Clínica do Sistema Nervoso. E, uma vez titular da cadeira, pusestes o melhor do entusiasmo na criação do Instituto de Neurologia da Universidade do Brasil, que é vosso desde a aparelhagem mais delicada até aos requintes da sóbria elegância com que esteticamente o concluístes.

Dispensó-me de discretar sobre os altos méritos que vos credenciam, “primus inter pares”, nessa neurologia ali tão bem montada, instrumentada e atuante: destes à cidade e à ciência um pequeno e formoso hospital. Desejo apenas demonstrar que o professor de neurologia, chamado a pontificar nos congressos internacionais do ramo, membro egrégio de quantas associações dela se ocupam aqui e no estrangeiro, longe de se

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

ter deformado na especialidade — que é o meio de saber-se cada vez mais do cada vez menos — continuou, como no limiar da carreira, a unir a arte à ciência.

Mostrastes sem querer, ou contra a vontade, que não é em vão que se lê na infância João Francisco Lisboa ou Antônio Henrique Leal. Sócrates tinha o seu demônio interior; vós tivestes, novelesco, numeroso e irônico, o vosso pequeno demônio, aquêlê Camilo das primeiras leituras. Talvez dêle vos lembrásseis em Lisboa, no ano de 1953, apogeu da vossa trajetória científica, pois ali, vice-presidente do congresso internacional de neurologia, que convocara mais de 3 mil professôres de todo o mundo, vos coube a distinção de ser — entre os maiores — um dos seus escolhidos para darem a aula programada.

A figura oracular da assembléia era Egas Moniz, prêmio Nobel, êsse espantoso Egas Moniz de que esboçastes o retrato iluminado de justiça e admiração. Lutava êle, contorcido pelo reumatismo deformante, com o declínio irreparável das forças: lembrava, no imenso conclave, Pasteur naquele congresso de Londres, em que, hemiplégico, entrou pelo braço de Lister. Uma ovação análoga saudou estrandosa e prolongamente o velho mestre.

Pasteur, recebido com tão ruidosa demonstração de carinho, a princípio não a compreendeu; e perguntou, curiosamente, a Lister se era o príncipe de Gales que ia entrando. Ao que o inglês respondeu: “é o príncipe da ciência, Pasteur!”

Ornado com êsse principado imperecível, o sábio português recebeu apoteose semelhante. Já não podia atender aos inumeráveis convidados, que o procuravam. Abriu exceção para Deolindo Couto e Aloysio de Castro. A vossa aula causou impressão memorável. Não faltou com a cesta de rosas e o seu cartão de cumprimentos exuberantes, Júlio Dantas, êste egresso irreversível da medicina para os jardins da poesia, do teatro, do conto, da crônica, leve e gentil onde há... “rosas de todo o ano”. Conjuraram-se ambos, Moniz e Dantas, para vos academizar: e assim foi que a Academia das Ciências de Lisboa vos acolheu com voto unânime.

Mas, nesse discretar sôbre a universidade do vosso renome, não esquecerei o Hospital da Salpêtrière. Aí, em certa manhã de 1949, ao visitardes o serviço de professor Haguenu, pediu-vos êste a opinião sôbre um caso estranho, talvez dos mais

RESPOSTA DO SR. LUIZ VIANNA FILHO

estranhos dos últimos tempos, e que ainda pairava sem interpretação. Não demorastes em discorrer sobre o caso, do qual já havíeis visto outro idêntico. E à tarde, ao apresentar-vos a um colega, dizia o professor Haguenu: "Le professeur Couto, qui nous a enseigné quelque chose ce matin".

Einstein gostava que lhe gabassem a música: era violonista. Mais discreto, temíeis aparecer como profundo conhecedor da literatura clássica. Só vos deixastes apanhar quando isto foi absolutamente necessário: na tribuna, em que se dão as mãos Hipócrates e Horácio, falando a língua castiça das academias.

As vossas orações e conferências, que formaram e dão vários volumes, têm tudo o que pudicamente ocultáveis no medo — que não vos perdoamos — de trair, com as amenidades do espírito, as exatidões da medicina. Levam tôdas o cunho da eloquência plasmada na frase escorreita; aligeiram-se na beleza da forma; ganham com a adjetivação rica e relêvo literário; compaginam-se entre as antológicas, de que nesta Academia estão cheios os anais, onde tanto reluziram Aloysio de Castro, Austregésilo, Fernando de Magalhães, Miguel Couto, Miguel Osório de Almeida; e ensinam, e se fazem aplaudir e amar, Clementino Fraga, Silva Melo, Maurício de Medeiros, Peregrino Júnior.

Ao apresentar um dos volumes em que reunistes algumas páginas primorosas, pôde Pedro Calmon dizer com acêrto elas mantêm e continuam ilustre tradição, pois harmonizam amavelmente a Medicina com as belas letras. Realmente vêm "de um tempo em que os médicos conspícuos, com mão diurna e noturna (conforme a recomendação horaciana) entremeavam de boa leitura o estudo interminável".

Em verdade, sempre que deixais o estetoscópio para tomar a pena do escritor, tudo quanto produzis traz a marca do estilista que a intimidade com os clássicos tem constantemente aprimorado. Nem será possível omitir os nítidos perfis com que tendes composto a galeria da vossa admiração. Aí estão comprovando como se bem ajustam, em vossa personalidade, o sábio e o artista, os de Ramón y Cajal e Egas Moniz, dentre os estrangeiros, e os de Carlos Chagas e Francisco de Castro entre os nossos, e a cuja glória compusestes páginas admiráveis pelo

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

bom gôsto, a agudeza das observações, e a nota justa de erudição.

Por êsses documentos de excelente literatura se descobre, na sua dimensão integral, a amplitude da vossa individualidade. E principiamos a entrar nos recintos, vedados à curiosidade pública, onde se refugiam os vossos pendores de grande humanista, familiarizado como raros com os problemas da língua portugueza, versando-lhe com tenacidade a doença e a saúde, explico-me, o direito e o avêso da língua, como disse Vieira, em dia com os filósofos e os lexicógrafos, escrupuloso no escrever sem concessões ao modernismo, quando êste significa o desleixo verbal, e prêso com filial carinho aos sublimes modelos de outrora, nessa linha de procedimento intelectual que vos faz neurologista, contemporâneo dos mais avançados, e vernaculista, contemporâneo dos mais antigos e prudentes.

Disso a Academia acaba de ter a prova. Em homenagem ao centenário da morte do cantor de Y-Juca-Pirama (logo emendastes, *Jucá*) precisava-se de quem falasse de Gonçalves Dias, homem de ciência. Aceitastes o desafio; e a vossa encantadora palestra, depois de esgotar doutamente o tema, resumiu de modo comovente a biografia tormentada do poeta, acrescentando à sua poliantéia um comentário original, vigoroso e inesquecível. Só se surpreenderam com êsse brilhante ensaio os que não vos vêem nas reuniões amáveis do Instituto após a jornada exaustiva, quando o clínico — terminada a sua manhã de sabedoria e caridade, abençoado por quantos enfermos lhe receberam a visita — ainda acha um momento para discuir, em roda de confrades, as antigas e modernas letras, com os seus reptos de recitativo poético.

As reuniões semelhantes, no gabinete do diretor da Biblioteca Nacional, o saudoso Rodolfo Garcia, chamou uma vez Josué Montello a academia Garciana. Ali, ao crepúsculo, recolheado do trabalho, escritores despreocupados, sob a presidência paciente de Garcia e a presidência efetiva de Afrânio Peixoto, aquêle cachimbando, quieto, sôbre algum texto paleográfico, êste falando fascinantemente, com a sua prosa colorida, experimentavam a sensação vaga de estarem num jardim helênico, onde as asperezas do mundo eram substituídas pela doce lição dos filósofos.

RESPOSTA DO SR. LUIZ VIANNA FILHO

Tendes a vossa Garciana, espontânea e involuntária, ao meio-dia, do salão decorado de gravuras cariocas, que é pela manhã a ponte de comando, de onde dirigis o melhor hospital neurológico destas bandas, e àquela hora um concubiáculo de toda cultura, abrindo sobre os horizontes do pensamento e da arte as suas janelas inocentes. Aí falais muito dos maranhenses; e de Camilo, de quem tendes uma das mais completas coleções bibliográficas do País, com a vantagem, ou antes, a agravante, de ter lido, anotado e comentado cada um dos livros úmidos de tanta lágrima, cintilantes de tanta malícia, risonhos de tanta pilhéria.

Sois um camiliano como poucos, além disto com a virtude da peregrinação, pois estivestes em São Miguel de Seide, e a teimosia de completar-lhe o acervo, indo desvendar as suas raridades onde quer que se escondam. Tendes, a propósito do autor das *Novelas do Minho*, a vossa própria opinião médica. Para vós é triplicemente um lingüista, um escritor inimitável e um doente: está na vossa estante, na vossa literatura e na vossa enfermaria.

Outro dia, com uma penada, mostrastes quão errados andavam os diagnósticos sobre a enfermidade de que morria, sonhando com as palmeiras onde canta o sabiá, o maior lírico da província que vos alimentou, com a seiva ateniense de seu espírito; contastes numa lúcida palestra, de exata medicina, o que sofreu Camilo. Continuais neurologista, sem os desvios, que poderiam ser tomados à conta de futilidade, embora, nesta liberal república das letras, de que somos cidadãos desimpedidos, lhe chamássemos "fugas vocacionais"; mas seguindo a estrada reta, olhando para a frente, integralmente vós realizais, acima e fora do sacerdócio médico, a harmonia esplêndida da vida para a qual nascestes.

Bem razão me assistia Senhor Deolindo Couto, ao falar da clara estrada pela qual chegastes até aqui, onde os vossos amigos e admiradores de ontem serão os vossos companheiros de amanhã.

Contudo, não me sendo dado, na brevidade dêsse discurso, análise mais acurada para sublinhar o alto teor literário dos vossos ensaios, desejo apenas, para concluir, lembrar uma frase de Catão já por vós invocada certa feita: as raízes das letras são amargas, mas os seus frutos são doces. São êstes, que, entre

RECEPÇÃO DO SR. DEOLINDO COUTO

nossas alegrias, estais hoje a recolher. Esperamos que êles vos saibam bem. E que da poltrona onde vos deveis sentir tão à vontade, possais continuar a colhê-los com a tranqüilidade de quem semeou árdua e desinteressadamente. É esta a recompensa aos que, como vós, passam pela vida inspirados por um ideal de beleza e de cultura, cuja continuidade constitui não a nossa imortalidade, mas a imortalidade das Academias. Não precisais sequer vos levantar para apanhar aquêles frutos maravilhosos, feitos de sonho e ilusão, e por isso mesmo imperecíveis. Êles são vossos. E da justiça com que êles vos chegam a mancheias podeis avaliar pelo calor dos aplausos que ides ouvir.

